



O MÉTODO INVISÍVEL DE UM GIGANTE

Como Milton Santos transformou técnica, território e memória em uma nova forma de pensar o mundo

BAR

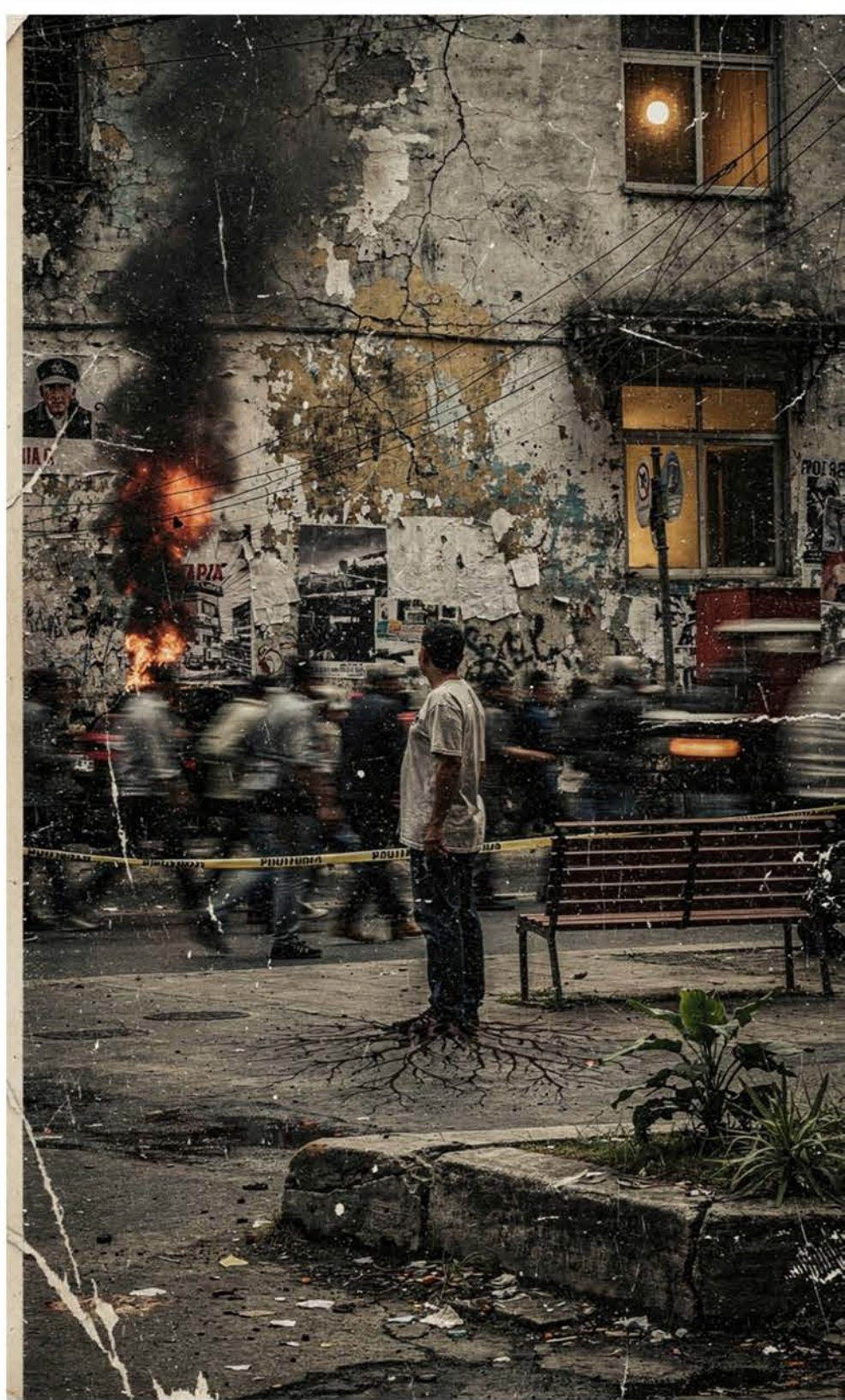
MAIO - 2026

MC Punka e o álbum Sincericídio, um mergulho brutalmente honesto sobre identidade, pressão e sobrevivência emocional
Emicida transforma rap em experiência filosófica
Djin Sganzerla mergulha no horror invisível das relações digitais
Oscar Nakasato revisita os apagamentos da cultura nipo-brasileira
O novo império emocional de Euphoria
Humor, circo e resistência em Campinas
Os Rolling Stones reinventam o próprio legado
Tatuí transforma maio em maratona musical gratuita

CARTOGRAFIA CULTURAL CONTEMPORÂNEA

TERRITÓRIO;
CORPO;
EXPERIÊNCIA;
PERMANÊNCIA.

nesta edição



O método invisível de um gigante

Luciana Salazar Salgado revela os bastidores materiais do pensamento de Milton Santos — e transforma arquivo, técnica e memória em chave para compreender o presente.

Luz, ruído e película

A 2ª Janela PUC-Campinas discute formação e futuro do cinema.

Entre silêncios e apagamentos

Oscar Nakasato tensiona a representação nipo-brasileira e propõe reescrever o imaginário cultural do país.

Rosto, traço e exagero

A caricatura ganha corpo contemporâneo e tensiona memória e identidade visual.

Mulheres giram o disco

O clube de vinil feminino de Campinas transforma escuta em gesto político e afetivo.

Corpos em verso

“9 Poemas” cruza Conceição Evaristo e Florbela Espanca em uma experiência flamenca de presença feminina.

do editor

EDIÇÃO #65

PERMANECER TAMBÉM É UM GESTO POLÍTICO



Existe uma pergunta silenciosa atravessando esta edição:

como uma cultura continua existindo quando tudo ao redor acelera, desaparece ou se torna descartável? Talvez a resposta esteja justamente nos gestos aparentemente menores.

Uma ficha de arquivo preservada por Milton Santos.

Um disco de vinil girando em Campinas.

Uma roda de conversa em Barão Geraldo.

Uma criança descobrindo o museu pela primeira vez.

Um circo tentando atravessar uma cidade submersa.

Uma plateia rindo para reorganizar o caos.

Um rapper transformando memória em linguagem de palco.

Um pianista tocando à luz de duas mil velas.

A Cultura em 1 Minuto #65 nasce dessa percepção: a de que cultura não é apenas produção artística — é tecnologia de permanência.

Ao longo destas páginas, o leitor atravessará territórios muito distintos:

da geografia crítica de Milton Santos às disputas do streaming; do flamenco à deep web; do improviso cômico ao thriller psicológico; do sertão rosiano às arenas do futebol pop; do jazz em Tatuí aos corredores labirínticos de um condomínio transformado em suspense social.

Mas existe um elo invisível entre tudo isso.

Cada reportagem desta edição investiga maneiras de resistir ao apagamento:

pela memória, pelo corpo, pela escuta, pela linguagem, pela coletividade ou pela reinvenção estética.

Mais do que reunir eventos e personagens, esta edição tenta mapear um país que continua produzindo encontros mesmo quando o mundo insiste na dispersão.

Porque permanecer talvez seja isso:

continuar criando vínculos em meio ao ruído.

E, no fim, talvez a cultura exista justamente para impedir que desapareçamos completamente.

TU CASA
ESPETARIA & CHOPERIA

DIA DAS MÃES



NESTE DOMINGO
ESTAREMOS FECHADOS

*Vamos estar junto
das nossas mães também*

Agradecemos a compreensão
e desejamos um domingo
especial para todas as mães!

Vem pra Tu Casa!



Cotidiano

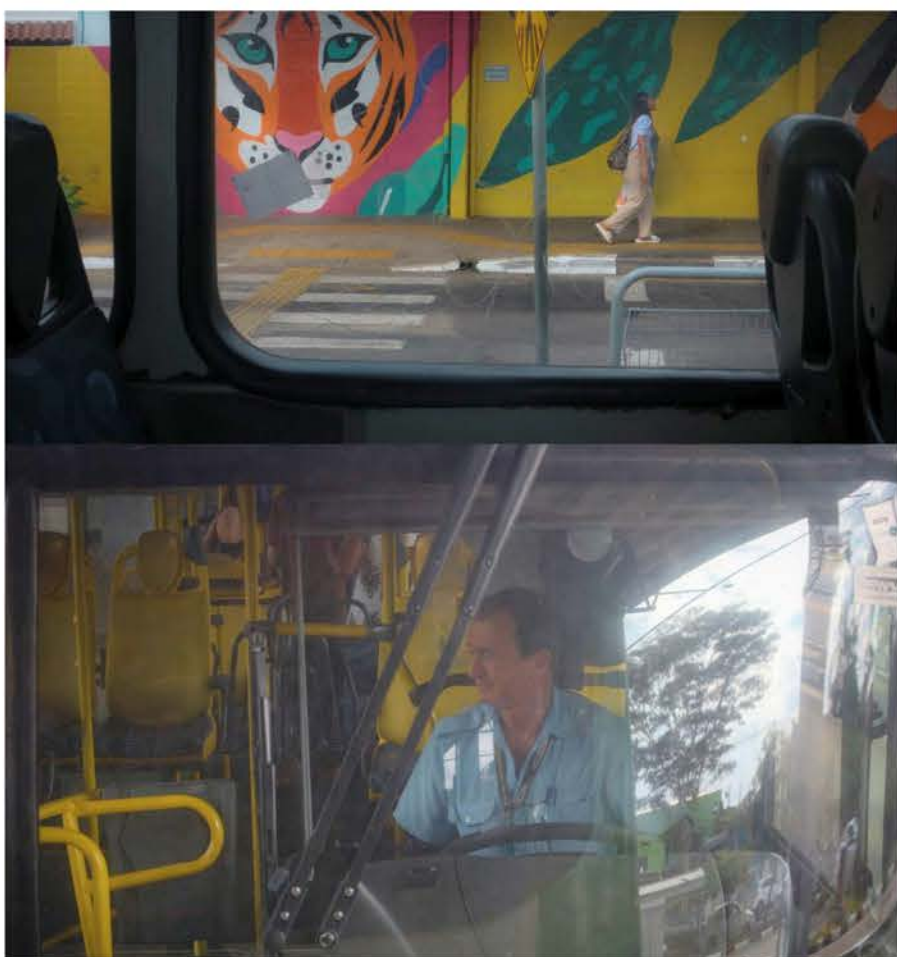


FOTO : RICARDO
LIMA

@near.dolk

Coti dia no

Entre tapumes, desvios e promessas de progresso, dois corpos reinventam a ideia de pertencimento no exato instante em que a cidade decide mudar de pele.



Há cidades que mudam diante dos nossos olhos sem pedir licença. Um quarteirão some, uma curva aparece, um prédio cresce onde antes havia vazio. Mas existem transformações mais lentas que o concreto: as que acontecem no corpo de quem atravessa a cidade todos os dias.

Na imagem, duas pessoas observam uma obra que parece interminável. Ao fundo, a maquinaria urbana reorganiza o espaço como quem redesenha um mapa sobre outro mapa. Tapumes, desvios, poeira, linhas provisórias. Campinas — ou qualquer grande cidade brasileira — vive desse estado permanente de reforma, como se nunca pudesse descansar na própria pele.

Mas o que prende o olhar não é a obra. São eles.

Na primeira fotografia, em preto e branco, existe quase um gesto de enfrentamento. Os corpos ocupam o terreno com ironia, presença e uma espécie de deboche silencioso contra a rigidez da paisagem. Como quem dissesse: “a cidade também é nossa, mesmo quando parece não querer”.

Na segunda, colorida e desfocada, algo muda. O enquadramento abandona a pose e encontra a contemplação. Agora, não olham para a câmera — olham para a cidade. E talvez pela primeira vez a imagem revele o que existe de mais humano no urbanismo: a tentativa de imaginar futuro em meio ao entulho.

Há uma delicadeza brutal nessa cena. Enquanto escavadeiras abrem caminhos para carros, duas pessoas abrem um pequeno intervalo para existir. Conversam, observam, compartilham um instante banal. E é justamente aí que a cidade ganha sentido. Não nos projetos impressos, nem nos discursos de revitalização, mas nesses microterritórios afetivos improvisados na beira do caos.

Toda grande obra promete fluxo. Mobilidade. Desenvolvimento. Mas raramente alguém pergunta o que acontece com os corpos que permanecem ali durante a transformação. Quem assiste à cidade mudar sem nunca ser consultado sobre o desenho final dela.

Talvez a fotografia esteja falando disso: da distância entre quem projeta a cidade e quem aprende, todos os dias, a sobreviver dentro dela.

E ainda assim, apesar dos desvios, das grades e do ruído das máquinas, existe um detalhe insistente: eles continuam ali. Ocupando. Observando. Inventando presença.

Como se permanecer também fosse uma forma de arquitetura.

CASA
MUTÁ



**RUA JOSÉ PAULINO, 1970 -
VILA ITAPURA / CENTRO**



PENSAMENTO E TERRITÓRIO

**GEOGRAFIAS DO SENSÍVEL: PENSAR A
CIDADE COMO EXTENSÃO DA VIDA, DA
CULTURA E DA MEMÓRIA COLETIVA.**

O MÉTODO INVISÍVEL DE UM GIGANTE:

MILTON SANTOS EM CAMPINAS: O TERRITÓRIO AINDA PENSA

No centenário do geógrafo, Campinas reaparece como arquivo vivo de um pensamento que antecipou o mundo contemporâneo – e que hoje segue sendo ampliado por pesquisadores, instituições e pelas próprias contradições da cidade

DIVULGAÇÃO

Há pensadores que escrevem livros. Outros reorganizam disciplinas. E há aqueles raros intelectuais que alteram a forma como uma sociedade inteira passa a enxergar o mundo. Milton Santos pertence a essa última categoria. No centenário de seu nascimento, sua obra retorna ao debate público não apenas como patrimônio acadêmico, mas como instrumento urgente para compreender um país atravessado por desigualdades espaciais, plataformas digitais, aceleração tecnológica e disputas permanentes pelo direito à cidade. E poucas cidades parecem condensar tanto essa permanência quanto Campinas.

Ali, entre universidades, periferias em expansão, corredores logísticos, centros tecnológicos e profundas fraturas urbanas, o pensamento de Milton Santos continua produzindo leitura crítica do presente – como se o território ainda respondesse às perguntas que ele formulou décadas atrás.





GEÓGRAFO MÁRCIO CATAIA DIVULGAÇÃO

O futuro anunciado em sala de aula

Em abril de 1989, no campus da Universidade Estadual de Campinas, Milton Santos participou do seminário Brasil século XXI. O tema de sua fala — “Campo e cidade na virada do século” — hoje parece menos previsão e mais radiografia antecipada do Brasil contemporâneo.

Ali, diante de estudantes e pesquisadores, o geógrafo discutia a urbanização desigual, os circuitos globais que transformavam o campo, a centralidade crescente da técnica e a reorganização das relações sociais pelo capitalismo informacional.

Campinas, à época ainda marcada pela consolidação industrial, acabaria se tornando um laboratório quase didático de suas teses. Nas décadas seguintes, a cidade veria periferias crescerem mais rápido que sua infraestrutura, centralidades econômicas se deslocarem, redes tecnológicas redefinirem o espaço urbano e novos fluxos corporativos atravessarem territórios profundamente desiguais.

Milton Santos insistia numa ideia decisiva: o espaço não é cenário. É agente. Essa formulação atravessaria toda a sua obra, especialmente em *A Natureza do Espaço*, trabalho que redefiniu os estudos geográficos ao tratar o território como resultado de disputas econômicas, políticas e simbólicas.

Em Campinas, essa percepção permanece visível não apenas nas análises acadêmicas, mas no próprio tecido urbano.

O território como memória viva

A permanência de Milton Santos na cidade não acontece apenas por meio de citações universitárias. Ela foi territorializada.

Seu nome hoje atravessa instituições educacionais, espaços públicos e projetos pedagógicos como a Escola Bem-Querer Prof. Doutor Milton Santos, no Jardim Ouro Preto, e a Nave-Mãe Prof. Milton Santos. Não se trata apenas de homenagens protocolares. Há algo profundamente coerente nisso: um pensador do território inscrito no próprio território.

Como se a cidade transformasse memória em geografia. As celebrações do centenário reforçam essa dimensão. Exposições, grupos de pesquisa, debates públicos e atividades acadêmicas passaram a recolocar sua obra em circulação entre Campinas e São Paulo, especialmente através do Instituto de Estudos Brasileiros, onde está preservado o fundo documental do geógrafo.

Mas talvez o aspecto mais fascinante desse retorno esteja justamente no fato de que Milton Santos continua sendo lido menos como clássico encerrado e mais como ferramenta analítica para crises ainda abertas.

O pensamento como sistema vivo

É exatamente essa permanência que o geógrafo Márcio Cataia, professor do Instituto de Geociências da Unicamp, procura compreender.

Sua trajetória acadêmica nasce sob forte influência da obra de Milton Santos, mas sem transformá-la em monumento estático. Para Cataia, os conceitos miltonianos seguem vivos porque foram construídos como sistema — uma rede de ideias que se sustenta nas relações entre técnica, território, economia, política e vida cotidiana.

“Um conceito dialoga com os outros conceitos”, afirma. “Conformando uma teia de significação.”

A observação ajuda a entender por que Milton Santos continua atravessando debates aparentemente tão distintos: urbanização periférica, logística global, inteligência artificial, plataformas digitais, concentração de dados e novas formas de poder corporativo.

Segundo Cataia, o núcleo metodológico da obra permanece atual porque parte de uma ruptura decisiva: compreender o espaço geográfico como instância social ativa.

Não um palco passivo da história, mas uma força capaz de reorganizar a própria experiência coletiva.

O território digital ainda tem chão

Ao analisar as novas plataformas digitais e a virtualização crescente da vida cotidiana, Cataia desloca o debate para um ponto central herdado de Milton Santos: toda técnica continua dependendo de território. A aparente imaterialidade das redes — algoritmos, nuvens, inteligência artificial, fluxos de dados — exige infraestruturas concretas: cabos submarinos, antenas, satélites, data centers, redes energéticas, corredores logísticos.

Nada disso existe fora do espaço geográfico. Nesse sentido, a teoria do “território usado”, desenvolvida por Milton Santos, ganha uma atualização poderosa no capitalismo de plataforma. As grandes corporações tecnológicas não atuam acima do território. Elas reorganizam o território segundo interesses econômicos específicos.

A conexão nunca é apenas virtual. Ela é territorializada. E talvez esteja aí uma das dimensões mais impressionantes da obra de Milton Santos: sua capacidade de revelar que até mesmo os sistemas aparentemente abstratos continuam produzindo desigualdade espacial concreta.

O método invisível de pensar o mundo

Mas compreender Milton Santos apenas pelos conceitos talvez seja insuficiente.

Ao mergulhar no arquivo pessoal do geógrafo preservado no Instituto de Estudos Brasileiros, a pesquisadora Luciana Salazar Salgado encontrou algo ainda mais revelador: os bastidores materiais de um pensamento em permanente construção.

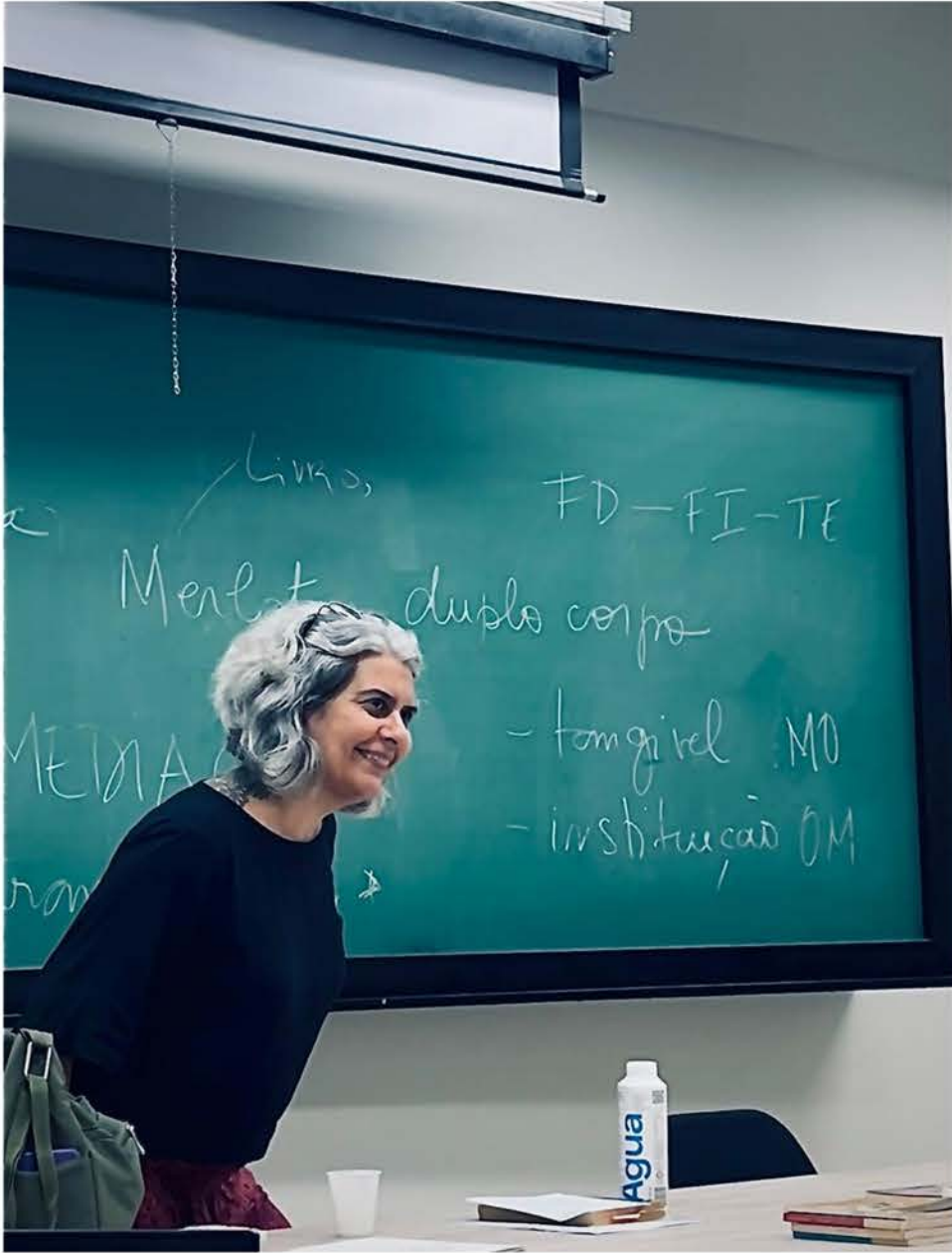
Bilhetes, fichários, fitas cassete, páginas reorganizadas manualmente, cartas, recortes presos por cliques coloridos, anotações espalhadas pelas margens. Não apenas documentos, mas vestígios de uma arquitetura intelectual baseada em circulação, escuta e abertura. “O arquivo dele é de uma coerência impressionante”, afirma. “A dispersão que muitos viam na obra do Milton não era incoerência. Era abertura.”

Para Luciana, a acusação de “ecletismo” frequentemente dirigida ao geógrafo dizia menos sobre sua obra e mais sobre os limites rígidos das instituições acadêmicas.

Milton Santos recusava compartimentos disciplinares porque compreendia o mundo como totalidade viva. Sua trajetória — atravessada por jornalismo, política, direito, geografia e vida pública — ajudou a construir uma obra que nunca separou teoria e experiência. “Ele nem era geógrafo de formação”, lembra Luciana. “Era um homem interessado em entender o mundo.”

GEÓGRAFO MÁRCIO CATAIA DIVULGAÇÃO





A oralidade como teoria

No arquivo, Luciana encontrou ainda outra dimensão fascinante: o modo como Milton Santos escrevia.

Nos anos 1990, já com a saúde fragilizada, o geógrafo passou a ditar partes inteiras de seus livros. Assistentes relatavam que ele permanecia longos minutos diante da janela da USP antes de começar a falar. Quando começava, os textos pareciam sair quase prontos. Depois vinham revisões, sugestões de formalização, tentativas de “corrigir” repetições.

Milton recusava.

“Deixa assim”, respondia. “O importante é que as pessoas sintam como se estivessem ouvindo o que estão lendo.”

A oralidade, portanto, não era traço estilístico acidental. Era método.

Sua escrita procurava preservar a vibração do encontro, da conversa e da escuta — como se a teoria não pudesse se desconectar completamente da respiração do mundo. Talvez seja justamente por isso que livros como *Por uma Outra Globalização* ainda produzam sensação tão contemporânea. Não parecem textos encerrados. Parecem conversas em andamento.



O homem negro que reposicionou o pensamento brasileiro

Há ainda uma dimensão incontornável em sua trajetória. Milton Santos foi um intelectual negro ocupando espaços historicamente interditados à população negra brasileira — universidades, centros de pesquisa, debates internacionais, instituições de prestígio. Sua presença tensionava estruturas. Sua obra ampliava esse tensionamento.

Em cidades como Campinas, marcadas por profundas desigualdades raciais e espaciais, essa dimensão ganha força particular. Pensar Milton Santos hoje é também pensar quem ocupa os territórios urbanos, quem é expulso deles e quem continua invisibilizado pelos mapas oficiais do desenvolvimento.

Sua experiência de prisão durante a Ditadura Militar e o posterior exílio internacional aprofundaram ainda mais essa perspectiva crítica. Ao retornar ao Brasil, no fim dos anos 1970, Milton Santos já não pensava apenas o país: pensava o Sul global como produtor legítimo de teoria.

Não mais objeto periférico de análise, mas centro possível de interpretação do mundo.

O mapa continua em disputa

O tempo sequestrado

Talvez uma das partes mais inquietantes da leitura de Luciana Salazar Salgado esteja justamente na atualização contemporânea desse pensamento. Ela observa que Milton Santos já denunciava, ainda nos anos 1990, os efeitos da burocratização acadêmica, da aceleração permanente e da captura do tempo pelas lógicas produtivistas. Hoje, afirma, o problema se aprofundou. “Gastamos mais tempo prestando contas do que preparando efetivamente o encontro com os estudantes.” Ao analisar o chamado “meio técnico-científico-informacional”, Milton Santos antecipava não apenas a aceleração tecnológica do capitalismo contemporâneo, mas também seus efeitos subjetivos: sensação permanente de atraso, urgência contínua, incapacidade de permanecer nos encontros. “O grande desafio hoje”, diz Luciana, “é perceber que nos roubaram o tempo de fazer aquilo que ele fazia: ler, fichar, conversar, ouvir o outro.” Nesse sentido, talvez o legado mais radical de Milton Santos não esteja apenas nos conceitos que formulou, mas numa ética do conhecimento baseada em escuta, demora, abertura e convivência intelectual. Uma teoria comprometida não apenas em interpretar o mundo, mas em transformá-lo.

Milton Santos morreu em 2001. Mas sua obra continua em movimento.

Ela reaparece nas pesquisas de Márcio Cataia sobre território digital. Nas investigações de Luciana Salazar Salgado sobre os bastidores do pensamento. Nas instituições que carregam seu nome. Nos debates universitários. Nos movimentos sociais. Nas contradições urbanas de Campinas. E talvez seja justamente isso que diferencia os grandes pensadores dos autores apenas consagrados: eles permanecem vivos porque continuam produzindo conflito, reorganizando perguntas e tensionando o presente.

No centenário de Milton Santos, o que emerge não é apenas uma celebração retrospectiva. É um convite urgente à leitura crítica do território.

Porque o espaço — como ele nunca deixou de lembrar — não é neutro.

Nunca foi.

E ainda está em disputa.



LUCIANA SALAZAR SALGADO, LINGUISTA / DIVULGAÇÃO

ENTRE SILÊNCIOS E APAGAMENTOS, A LITERATURA DE OSCAR NAKASATO TENSIONA O IMAGINÁRIO BRASILEIRO

Residência artística na Unicamp propõe revisão crítica da presença nipo-brasileira na cultura e escancara lacunas históricas na ficção nacional

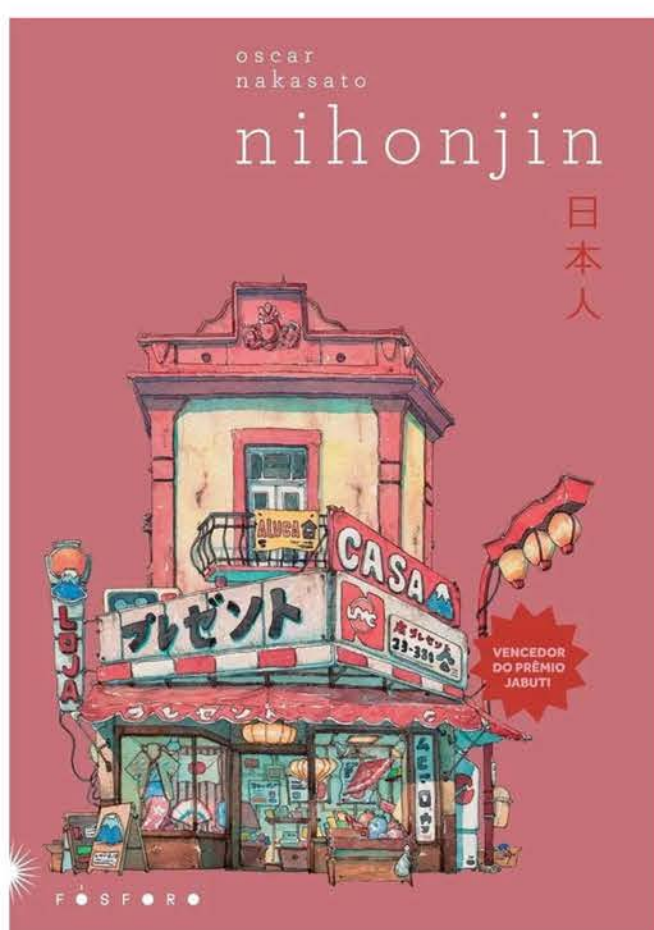


Há presenças que moldam um país — e ausências que o denunciam. É nesse território delicado, entre o que se vê e o que se apaga, que o escritor e professor Oscar Nakasato finca sua mais recente investigação. A partir deste mês, ele ocupa uma residência artística no Instituto de Estudos Avançados da Unicamp, propondo uma reflexão incômoda e necessária: por que a presença nipo-brasileira ainda é tão rarefeita na cultura de massa do país?

A pergunta não nasce de abstração acadêmica, mas de uma experiência vivida — e escrita. Autor de *Nihonjin*, obra que o projetou nacionalmente ao entrelaçar memória íntima e narrativa coletiva, Nakasato investiga há anos as fissuras identitárias de descendentes de japoneses no Brasil. Em seus textos, a literatura funciona como lente e bisturi: revela e disseca os conflitos de pertencimento, o preconceito silencioso e a exclusão muitas vezes naturalizada.

DIVULGAÇÃO

Na residência, esse gesto individual se amplia para o campo do debate público. A programação, sediada na Universidade Estadual de Campinas, inclui a palestra de abertura “A incipiência de personagens nipo-brasileiros na produção ficcional”, marcada para 13 de maio no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). O encontro inaugura uma série de atividades que transitam entre oficinas de criação literária e discussões sobre identidade, representação e imaginário cultural. O ponto de partida é provocativo: apesar da relevância histórica da imigração japonesa — uma das mais significativas do país —, sua tradução simbólica na ficção ainda parece tímida. No cinema, na televisão e na literatura, personagens nipo-brasileiros frequentemente orbitam estereótipos ou ocupam espaços marginais, quando não simplesmente desaparecem da narrativa. Para Nakasato, essa lacuna não é casual: ela reflete limites mais amplos da forma como o Brasil constrói e reconhece suas próprias narrativas.



A residência no IdEA surge, assim, como um laboratório de escuta e invenção. Mais do que mapear ausências, o projeto busca estimular novas presenças — formar escritores, tensionar repertórios e ampliar as possibilidades de representação. Em tempos em que identidade se tornou palavra-chave — e campo de disputa —, o gesto de Nakasato aponta para uma urgência menos ruidosa, mas igualmente decisiva: a de reescrever o imaginário brasileiro a partir de suas bordas.

No fim, talvez a pergunta que ecoa não seja apenas sobre quem aparece nas histórias que contamos, mas sobre quais histórias ainda insistimos em não contar.

VEM AÍ O
4º
Concurso de
REDAÇÃO

VOANDO NA ESCRITA

Tema: Violência contra a mulher

INSCRIÇÕES EM BREVE
15 VIAGENS COM 3 NOITES

SEJA UM APOIADOR
COTAS ABERTAS

Patrocínio

Azul 

Realização

DIÁRIO CAMPINEIRO

Fale conosco: 19-99960-8795
email: voandonaescrita@diariocampineiro.com.br

Apoio

 PRECOLTEC
CURSOS

 INSTITUTO
AYOSHII 20

 IGUATEMI
CAMPINAS



 Rotary



SÃO PAULO
EYERI ERITSTARIO

Culeuco
ta

Entre 3 e 4
Calituro

nao de
trate
Cohetiao

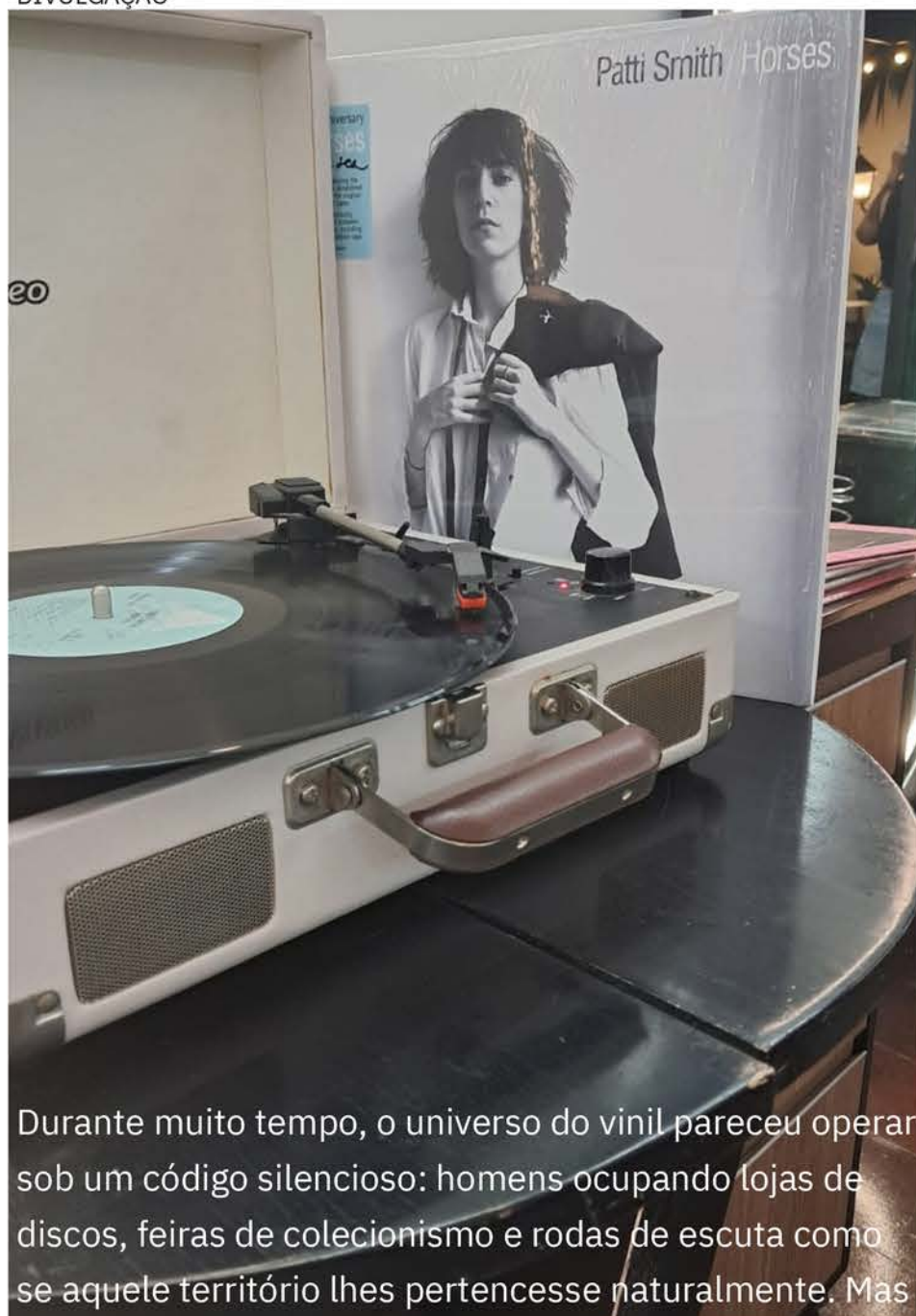
“CULTURA VIVA”

QUANDO A CULTURA DEIXA DE SER CENÁRIO E
PASSA A OCUPAR O CORPO, A RUA E A
MEMÓRIA.

MULHERES GIRAM O DISCO E REINVENTAM A CULTURA DO VINIL EM CAMPINAS

Primeiro clube do vinil feminino da cidade reúne DJs, colecionadoras e apaixonadas por música para transformar a escuta em experiência coletiva, afetiva e política

DIVULGAÇÃO



Durante muito tempo, o universo do vinil pareceu operar sob um código silencioso: homens ocupando lojas de discos, feiras de colecionismo e rodas de escuta como se aquele território lhes pertencesse naturalmente. Mas

a agulha começou a mudar de direção. Em Campinas, mulheres decidiram ocupar esse espaço não apenas como ouvintes, mas como protagonistas. O resultado é o nascimento do primeiro clube do vinil feminino da cidade — um movimento que mistura música, memória, pertencimento e reinvenção cultural.

A ideia surgiu quase como um gesto íntimo entre amigas. “Vamos chamar algumas mulheres pra sala e ouvir isso juntas”, lembra Ana Karla Farias, uma das idealizadoras. O que parecia apenas um encontro casual acabou revelando algo maior: a necessidade de criar um espaço onde mulheres pudessem trocar referências, afetos e experiências sem a lógica hierárquica que historicamente atravessa o colecionismo musical. “O clube acabou se fortalecendo porque ele puxou a gente para esse ritmo mais lento e íntimo; você coloca o disco, escuta as músicas, vira o lado e continua ouvindo. Nesse tempo vão surgindo lembranças, associações, pequenos incômodos e memórias que viram conversa entre amigas”, conta Ana Karla.

O primeiro encontro presencial aconteceu em abril, no Salão Bar, no Taquaral, reunindo DJs, cantoras, professoras, pesquisadoras e mulheres que simplesmente queriam redescobrir a música longe da lógica acelerada do streaming. Mais do que uma reunião de colecionadoras, o clube nasceu como uma espécie de refúgio da escuta.

Ana Carolina Alves, nutricionista e também idealizadora do projeto, afirma que o clube surge como resposta direta a experiências recorrentes de exclusão dentro da cultura do vinil. “Essa ausência aparece de forma muito concreta: em lojas de discos onde ainda vemos poucas mulheres como clientes ou especialistas reconhecidas; em feiras majoritariamente masculinas; e até nas dinâmicas de escuta, onde muitas vezes a fala feminina é interrompida ou colocada em segundo plano”, afirma. Segundo ela, o formato horizontal do clube é uma escolha consciente. “É um espaço seguro e protagonista, onde as mulheres não só participam, mas conduzem a escuta, a curadoria e a conversa. Essa troca é uma escolha política e afetiva.”



DIVULGAÇÃO

Em tempos de playlists infinitas e consumo fragmentado, a proposta do clube soa quase radical: ouvir um disco inteiro, lado A e lado B, sem interrupções. Um ritual desacelerado em uma era dominada pelo algoritmo.

“Queremos resgatar a escuta como experiência de presença”, diz Ana Carolina. “O vinil exige um corpo ali: alguém que coloca o disco, vira o lado, cuida do objeto. Isso cria uma relação mais tátil e consciente com a música. A escuta coletiva amplia isso porque transforma o ato individual em experiência compartilhada.”

O álbum escolhido para inaugurar o clube foi *Horses*, da cantora Patti Smith — um disco seminal que completa 50 anos em 2025 e permanece como um dos trabalhos mais disruptivos da história do rock. A escolha funciona quase como manifesto inaugural do projeto.

DIVULGAÇÃO



“A curadoria parte do desejo de construir narrativas que dialoguem com o espírito do clube: artistas que abriram caminhos, tensionaram padrões ou ainda precisam ser mais ouvidas”, explica Ana Carolina. “*Horses* marca justamente a entrada de uma mulher em um território historicamente masculino como o rock e o punk.”

Ana Karla reforça que o encontro vai muito além do conhecimento técnico ou do colecionismo. “Não importava se você já tinha um disco da Patti Smith, se colecionava há anos ou se estava encostando num vinil pela primeira vez. A conversa é igual. A gente aprendeu juntas quem foi aquela mulher.”

É justamente nessa ausência de hierarquia que o clube encontra sua força. Mulheres experientes dividem espaço com iniciantes, sem disputas de repertório ou autoridade. O pertencimento acontece na troca.

“Uma mulher que está começando pode trazer um olhar fresco, enquanto outra compartilha conhecimento técnico ou referências”, afirma Ana Carolina. “O pertencimento não está condicionado à experiência, mas ao desejo de estar ali, ouvir e trocar.”

Entre capas gastas, agulhas e memórias familiares, os encontros também revelam histórias afetivas profundas: discos herdados de pais e mães, trilhas sonoras da infância, músicas que atravessaram gerações. O clube acaba funcionando como um arquivo vivo de lembranças compartilhadas.

Os próximos passos incluem consolidar os encontros mensais e ampliar as possibilidades do projeto, com oficinas, edições temáticas, participação de artistas convidadas e ocupações em outros espaços da cidade.

“Mais do que criar um clube, queremos ajudar a deslocar imaginários e abrir caminhos”, resume Ana Carolina. Enquanto o mercado musical acelera, as integrantes do clube parecem propor outra lógica: parar, ouvir, conversar e permanecer. Em Campinas, o vinil voltou a girar — e agora, definitivamente, em outras mãos.

Serviço

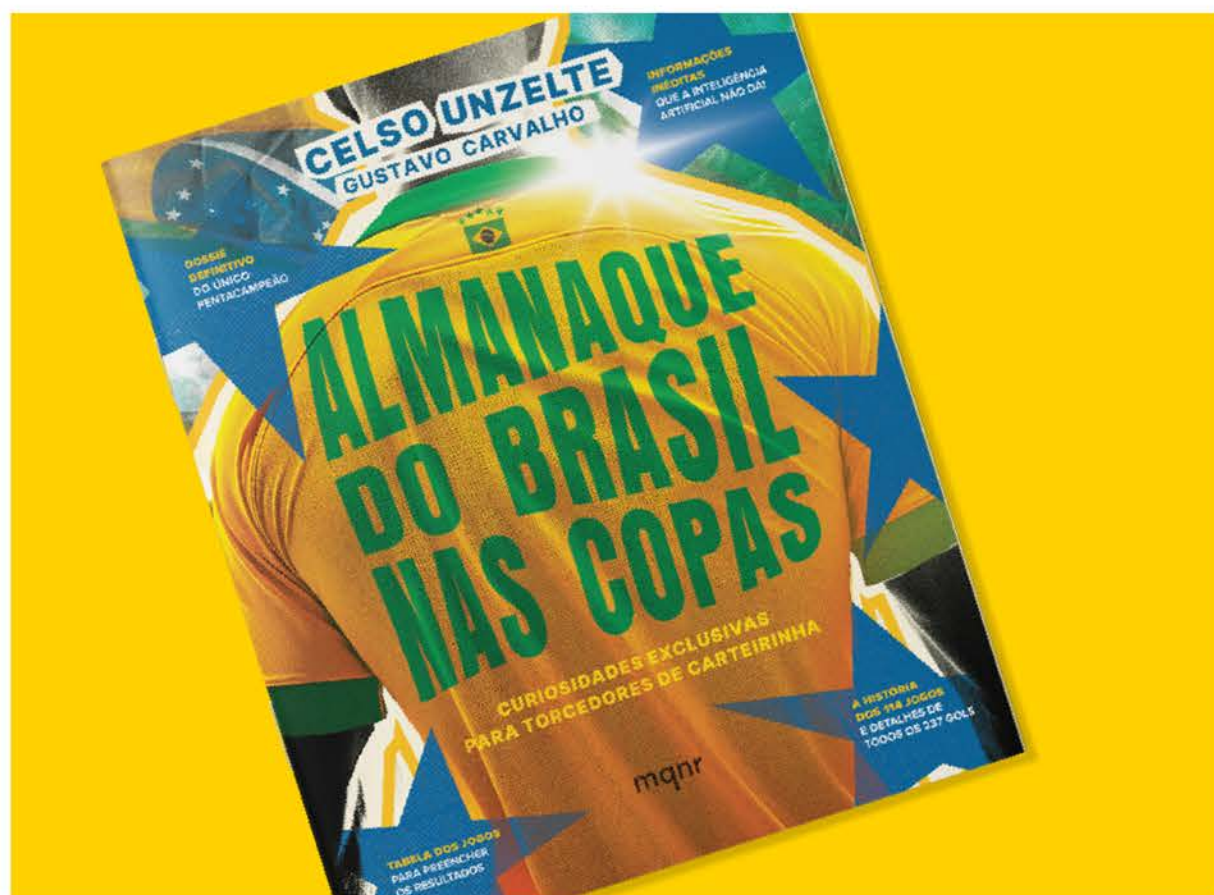
O quê: Clube do Vinil Feminino
Quando: Encontros mensais (próxima edição em maio, data a definir)
Onde: Salão Bar – Taquaral, Campinas
Instagram: @clu.bedovinil

ENTRE O SERTÃO E O MUSEU: AGENDA VIVA SP COSTURA CULTURA POPULAR E EXPERIÊNCIAS URBANAS PELO ESTADO

De Revelando SP em Barretos a atividades imersivas na Pinacoteca de São Paulo, programação da semana atravessa linguagens, territórios e gerações

Há algo de cartográfico na nova edição da Agenda Viva SP: um mapa sensível que liga o interior profundo às salas expositivas da capital, atravessando sotaques, memórias e modos de viver a cultura. Não se trata apenas de listar eventos, mas de revelar um estado em movimento — onde tradição e contemporaneidade convivem sem pedir licença.

No epicentro dessa travessia está o Revelando SP, que ocupa Barretos como uma espécie de vitrine viva das heranças culturais paulistas. Entre painéis fumegantes, bancas de artesanato e apresentações que evocam saberes transmitidos de geração em geração, o festival reafirma a cultura popular como prática cotidiana — e não como peça de museu. É ali, no encontro entre público e fazedores, que a identidade ganha corpo, cheiro e voz.



Mas se o interior pulsa com raízes, a capital responde com reinvenção. Na Pinacoteca de São Paulo, o projeto Pinafamília & Pinapequenos propõe um deslocamento sutil: olhar o museu com o corpo inteiro. Oficinas, jogos e percursos transformam o espaço expositivo em território de descoberta, onde crianças e adultos compartilham o gesto de experimentar a arte — menos contemplativa, mais vivida. O futebol, por sua vez, assume a forma de memória e narrativa no Museu do Futebol. Em clima de Copa, o espaço promove encontros que vão da troca de figurinhas à reflexão histórica, mostrando que o esporte, no Brasil, é também arquivo afetivo e campo de disputa simbólica. Subindo a serra, em Campos do Jordão, o Festival Arte no Outono aposta na música como ponte emocional. Maria Gadú leva ao palco sua sonoridade híbrida, enquanto Oswaldo Montenegro revisita cinco décadas de trajetória em diálogo com a orquestra — um gesto que mistura celebração e permanência.

Já em Águas de Lindóia, a literatura ganha corpo cênico com “Grande Sertão: Veredas – Riobaldo”, inspirado na obra de João Guimarães Rosa. A montagem, ao transformar palavra em presença, reforça a atualidade de um dos textos mais complexos da língua portuguesa, tensionando temas como identidade, conflito e destino.

No conjunto, a Agenda Viva SP funciona menos como guia e mais como ensaio sobre o que significa produzir cultura em um território vasto e desigual. Ao abrir espaço para iniciativas diversas — e convidar artistas e produtores a ocuparem essa vitrine colaborativa —, a plataforma sugere um caminho possível: o da circulação, do encontro e da escuta.

Porque, no fim, o que está em jogo não é apenas o acesso à cultura, mas a possibilidade de se reconhecer nela.

IGUATEMI &

bradesco
principal

AMERICAN
EXPRESS

apresentam

DIA DAS MÃES Compre e Ganhe



Com R\$ 700 em compras e cadastro,
**clientes Iguatemi One ganham uma
caneca 320 ml Le Creuset**

Limitado a 1 por CPF.

**Clientes Iguatemi One Diamond
recebem brinde adicional.**



Oferta válida das 10h do dia 27/04 até as 20h do dia 10/05/2026 ou enquanto durar o estoque de 9.405 canecas Le Creuset®, o que ocorrer primeiro, correspondente às compras realizadas nas lojas participantes do Iguatemi Campinas e ao cadastro dos comprovantes fiscais de compra no aplicativo Iguatemi One. Limite de uma unidade por CPF cadastrado durante todo o período, sendo que clientes Diamond do Iguatemi One receberão uma unidade adicional. Serão aceitos somente comprovantes fiscais de compras que contenham o número do CPF do consumidor cadastrado. Para mais informações sobre a campanha, lojas participantes, horários, condições e restrições, consulte o regulamento disponível no aplicativo Iguatemi One.

LE CREUSET®



“DOSSIÊ AUDIOVISUAL — “QUEM SUSTENTA AS IMAGENS?”

ENTRE ARQUIVOS, ALGORITMOS, AFETOS E
RUÍDOS, O AUDIOVISUAL CONTEMPORÂNEO
REVELA AS ESTRUTURAS INVISÍVEIS QUE
SUSTENTAM — E DISPUTAM — NOSSAS
FORMAS DE VER O MUNDO.

LUZ, RUÍDO E PELÍCULA: A NOVA GERAÇÃO DO CINEMA SE ENCONTRA NA 2ª JANELA PUC-CAMPINAS

Evento reúne realizadores e técnicos para discutir direção, som e Super-8 em três dias que espelham um audiovisual brasileiro em transformação

DIVULGAÇÃO

cinema.pucc
PUC - Campinas Campus I

DIA 2 (13/05)

MULHERES NO SOM DO CINEMA E AUDIOVISUAL:
DO SOM DIRETO À PÓS-PRODUÇÃO.
COM **MAITÊ RAMOS E THAÍS RIZZO**

3/4

Entre cabos, câmeras e ideias em ebulição, a 2ª Janela PUC-Campinas se apresenta menos como uma semana acadêmica e mais como um pequeno retrato do cinema brasileiro em estado bruto — ainda em processo, ainda em disputa, ainda apaixonado pela própria reinvenção. De 12 a 14 de maio, a sala 802 do Campus I vira um ponto de convergência entre teoria e prática, onde estudantes, curiosos e realizadores orbitam em torno de uma pergunta central: como contar histórias hoje, num cenário em que o audiovisual se fragmenta entre telas, formatos e linguagens?

A programação aposta em três eixos que dizem muito sobre o agora — e cada um deles ajuda a desenhar um mapa possível para quem deseja entender ou entrar nesse território.

No primeiro dia (12), o diretor Pietro Godinho abre os trabalhos com uma investigação sobre o olhar — esse elemento invisível que sustenta tanto o cinema autoral quanto o videoclipe contemporâneo. Seu percurso, que atravessa fotografia, direção criativa e narrativa visual, aponta para um tipo de criador híbrido, cada vez mais comum numa indústria em que fronteiras estéticas deixaram de ser respeitadas. O curta Intermúndio, reconhecido em mostras como a de Campinas, serve como ponto de partida para discutir não apenas linguagem, mas também circulação e pertencimento.

ponto de convergência entre teoria e prática, onde estudantes, curiosos e realizadores orbitam em torno de uma pergunta central: como contar histórias hoje, num cenário em que o audiovisual se fragmenta entre telas, formatos e linguagens?



DIA 1 (12/05)

2/4

CURTA-METRAGEM E VIDEOCLÍPE: O OLHAR DA DIREÇÃO.

PALESTRA COM **PIETRO GODINHO**

Criativo multidisciplinar, atuando na intersecção entre cinema, storytelling visual, direção criativa e fotografia. Seu curta Intermúndio foi selecionado para a 15ª Mostra de Curtas de Campinas (Mostra Panorama Nacional) e para o CINEMAZ - Festival de Cinema de Oliveira (MG), recebendo uma Menção Honrosa pela atuação do protagonista.

DIVULGAÇÃO

Se a imagem ainda seduz, o segundo dia (13) desloca o foco para aquilo que muitas vezes passa despercebido: o som. Em uma conversa que vai do set à pós-produção, Maitê Ramos e Thaís Rizzo desmontam a ideia de que o áudio é mero suporte. Pelo contrário — é estrutura, atmosfera, tensão. Em tempos de fones de ouvido e consumo individualizado, o som ganha protagonismo silencioso. A presença das duas profissionais também evidencia um movimento importante: a ocupação feminina em áreas historicamente técnicas do cinema, reconfigurando hierarquias e narrativas dentro e fora da tela.

O encerramento (14) mergulha no passado para iluminar o presente. Com Renato Coelho, o Super-8 deixa de ser apenas nostalgia e se afirma como gesto estético e político. Em plena era digital, filmar em película é quase um ato de resistência — um desacelerar deliberado, uma recusa ao excesso de imagens. Ao revisitar formatos analógicos, o cinema encontra não só sua história, mas também novas possibilidades de linguagem.


Há, no conjunto da programação, um fio invisível que conecta tudo: a ideia de que fazer cinema hoje exige tanto domínio técnico quanto sensibilidade para navegar entre formatos, discursos e plataformas. Não se trata mais de escolher entre o clássico e o contemporâneo, mas de tensionar ambos.


Aberta ao público, a 2ª Janela PUC-Campinas funciona como um lembrete oportuno: o cinema brasileiro não acontece apenas nos grandes festivais ou nas plataformas globais — ele também se constrói em salas de aula, encontros formativos e trocas diretas. É ali, nesse espaço menos glamouroso e mais poroso, que novas vozes começam a testar suas imagens, seus ruídos e seus silêncios.


Serviço

2ª Janela PUC-Campinas – Semana do Curso de Cinema e Audiovisual

 12 a 14 de maio de 2026

 A partir das 8h30

 Sala 802 – Prédio H1 | Campus I – PUC-Campinas

 Evento aberto a estudantes e ao público interessado em audiovisual

Programação:

- 12/05 – Curta-metragem e Videoclipe: O Olhar da Direção, com Pietro Godinho
- 13/05 – Mulheres no Som do Cinema e Audiovisual, com Maitê Ramos e Thaís Rizzo
- 14/05 – Cinema e Super-8: História e Técnica, com Renato Coelho

Mais do que assistir, a proposta é participar — chegar cedo, ocupar a cadeira, fazer perguntas e, sobretudo, sair dali com a sensação de que o cinema ainda é um território aberto a quem quiser atravessá-lo.

ECOS DE UM PALÁCIO: PROJETO CONVIDA CAMPINAS A OUVIR AS MEMÓRIAS DO MIS

Com visitas guiadas, sessões de cinema e debates gratuitos, “Ecos do Ideia” transforma o Museu da Imagem e do Som de Campinas em ponto de escuta da história audiovisual da cidade



Há prédios que guardam silêncio. Outros, como o Palácio dos Azulejos, parecem sussurrar histórias a quem se dispõe a atravessar suas portas. É nesse território de ecos — entre a memória e a invenção — que o projeto “Ecos do Ideia” se instala ao longo de três terças-feiras de maio, convidando o público a desacelerar e ouvir o que o tempo deixou nas paredes do Museu da Imagem e do Som de Campinas.

A proposta é simples, mas não simplória: visitas guiadas, sessões de filme e debates que costumam passado e presente do audiovisual campineiro. Nos dias 5, 12 e 19, sempre em dois horários — às 9h e às 14h —, o espaço se abre para uma experiência que mistura mediação cultural e fruição estética, sem a rigidez de um roteiro fechado.


Não se trata apenas de olhar vitrines ou ouvir datas. A visita conduz o público por camadas: a história do edifício, a formação do acervo, os caminhos da fotografia e do cinema na cidade. Em seguida, a imagem ganha movimento — literalmente — com a exibição de um filme, que serve como ponto de partida para conversas sobre produção audiovisual, circulação e pertencimento cultural em Campinas. O projeto nasce de uma vocação antiga do Ponto de Cultura Ideia Coletiva: fazer da cultura um território compartilhado. Há mais de quinze anos, o grupo articula ações que vão da literatura à oralidade, da formação em escrita à prática fotográfica. “Ecos do Ideia” funciona, assim, como uma espécie de síntese — ou talvez reverberação — desse percurso.


Há também um cuidado evidente com o acesso. A entrada é gratuita, sem necessidade de inscrição, e todas as atividades contam com acessibilidade em Libras. Em tempos em que a cultura frequentemente se enclausura em circuitos específicos, abrir as portas — literal e simbolicamente — é um gesto político.


No fim, o que o projeto propõe é menos um evento e mais um convite: escutar. Escutar o prédio, as imagens, as histórias e, sobretudo, o que ainda pode ser dito quando uma cidade se reconhece em suas próprias narrativas.


Serviço


Ecos do Ideia

 Museu da Imagem e do Som de Campinas

 5, 12 e 19 de maio (terças-feiras)

 Sessões às 9h e às 14h

 Entrada gratuita (sem necessidade de reserva)

 Acessível em Libras

 Classificação livre



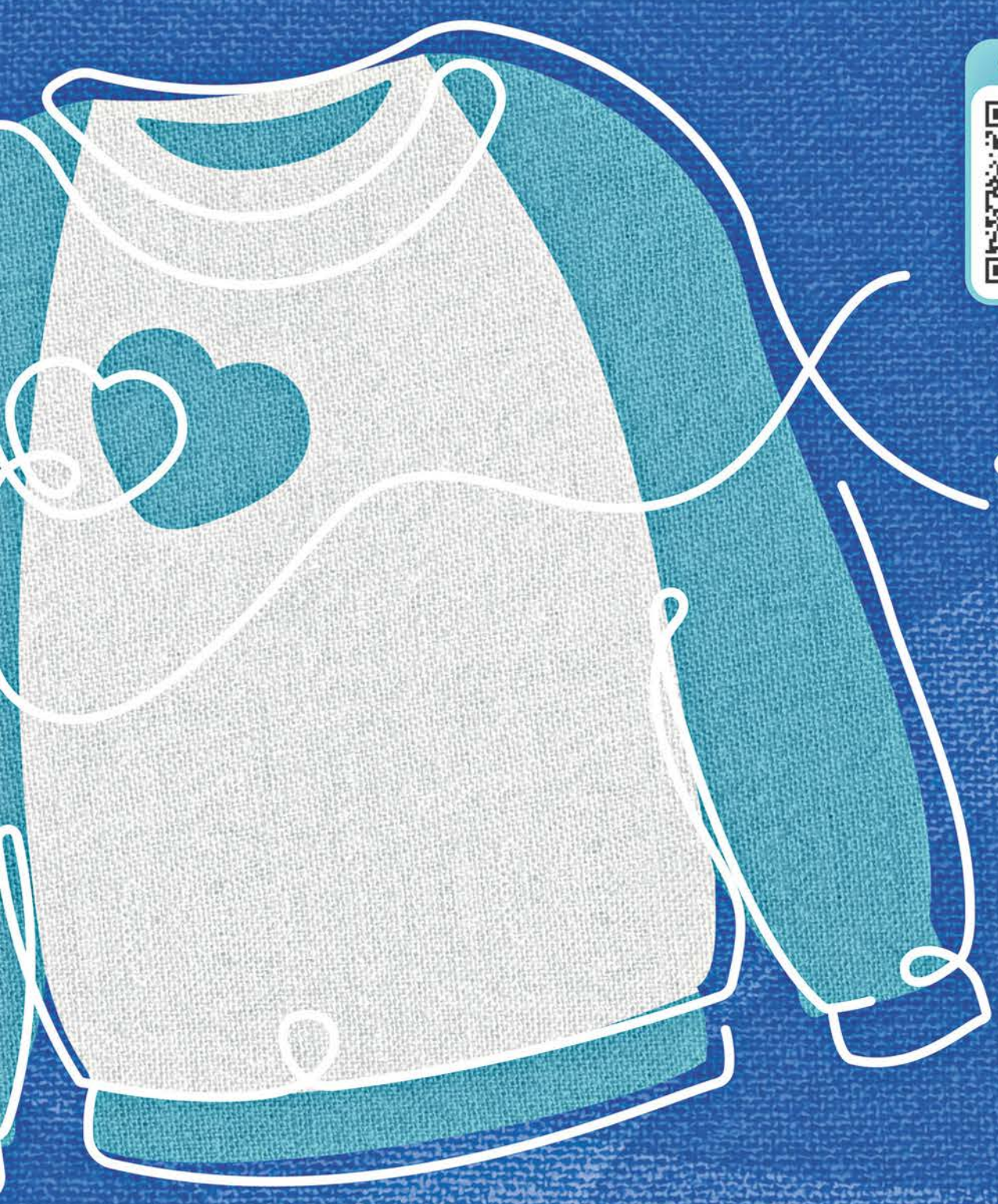
★ **CAMPANHA DO** ★

AGASALHO

2026

**DOE COM AMOR:
FAZ BEM FAZER O BEM!**

A Campanha do Agasalho é uma iniciativa solidária promovida pelo Fundo Social de São Paulo para arrecadar e distribuir roupas, cobertores e itens de inverno. Um gesto que protege, acolhe e leva dignidade a quem mais precisa, principalmente nos dias frios.



**DOE VIA PIX
OU EM UM DOS
PONTOS DE
ARRECAÇÃO**

**ACESSE E SAIBA MAIS:
CAMPANHADOAGASALHO.SP.GOV.BR**

CAMPANHA DO
AGASALHO



ENTRE A TELA GRANDE E O ALGORITMO: A DISPUTA PELA JANELA QUE SUSTENTA O CINEMA BRASILEIRO



DIVULGAÇÃO TIAGO-MAFRA-DIRETOR-EXECUTIVO-ABRAPLEX

Em meio ao avanço do streaming, exibidores defendem regulação que preserve o equilíbrio econômico do setor e evite a erosão das salas de cinema

No centro do debate contemporâneo sobre o audiovisual brasileiro não está uma batalha entre passado e futuro, mas uma disputa por tempo. Mais especificamente: pelo tempo de exclusividade que um filme tem nas salas antes de migrar para o streaming. Para ABRAPLEX, essa janela não é um resquício de um modelo antigo – é uma engrenagem essencial para a sobrevivência da cadeia produtiva.

Em artigo assinado por seu diretor executivo, Tiago Mafra, a associação argumenta que a discussão regulatória precisa sair do terreno das suposições fáceis e encarar dados estruturais. Um dos principais alvos de crítica é a ideia de que janelas mais longas incentivam a pirataria. Segundo levantamento da Aliança Contra a Pirataria em parceria com o Ipsos, 38,4% dos lares brasileiros já consomem conteúdo ilegal – um fenômeno que, segundo o texto, independe do tempo de exibição nas salas.

O argumento ganha contornos ainda mais concretos quando se observa o território: apenas 8,6% dos municípios brasileiros possuem salas de cinema. Para a ABRAPLEX, enfraquecer a rentabilidade das exhibições é também frear a expansão geográfica do acesso cultural. Em outras palavras, o streaming amplia o alcance, mas depende de um ecossistema que começa, muitas vezes, na experiência coletiva da sala escura.

O Brasil não está sozinho nessa encruzilhada. Países europeus vêm reforçando mecanismos de proteção à exibição cinematográfica. Na França e na Itália, por exemplo, políticas de janela e regulação ajudaram a consolidar participações robustas do cinema nacional em seus próprios mercados – 44,8% e 25,7%, respectivamente. Aqui, o índice ainda gira em torno de 10%



O ponto central da defesa não está nos filmes que fracassam nas bilheterias, mas justamente nos que ainda têm fôlego comercial. É nesse momento – quando a obra segue atraindo público – que o encurtamento da janela pode comprometer receitas. Dados da Cinema United indicam que a redução para cerca de 31 dias, adotada em alguns mercados no pós-pandemia, esteve associada a quedas relevantes de arrecadação.

Há também um desequilíbrio estrutural em jogo. De um lado, plataformas globais com capacidade financeira e tecnológica massiva; de outro, um parque exibidor nacional ainda em expansão e com margens pressionadas. Nesse cenário, a chamada “livre negociação” entre distribuidores e exibidores seria, na prática, assimétrica. A regulação, defende Mafra, não elimina o mercado – estabelece um piso mínimo de previsibilidade.



De um lado, plataformas globais com capacidade financeira e tecnológica massiva; de outro, um parque exibidor nacional ainda em expansão e com margens pressionadas.



A questão, portanto, não é travar o avanço tecnológico nem opor modelos de consumo. O streaming é parte incontornável da paisagem cultural contemporânea. O desafio, como sugere o texto, é outro: evitar que a velocidade da distribuição digital capture prematuramente o valor das obras, desestruturando a base que sustenta sua própria existência. No fim, a “janela de exibição” deixa de ser apenas um intervalo técnico e se revela como um instrumento político e econômico. Um mecanismo de coordenação num setor em que o tempo – esse recurso invisível – pode definir quem permanece em cartaz e quem sai de cena.

Novo longa de Djin Sganzerla mergulha nas violências invisíveis das relações contemporâneas e costura ciência, ancestralidade e trauma em um thriller sensorial

**ENTRE A LUZ E O
ABISMO: "ECLIPSE"
TRANSFORMA O
ÍNTIMO EM
TERRITÓRIO DE
INVESTIGAÇÃO**

CULTURA EM 1 MINUTO





Há algo de profundamente inquietante em “Eclipse”, novo filme de Djin Sganzerla que estreia nos cinemas brasileiros neste 7 de maio. Não apenas pelo que mostra – mas, sobretudo, pelo que revela aos poucos, como quem rasga a superfície lisa da vida cotidiana para expor fissuras antigas, íntimas e, muitas vezes, silenciosas. Se em *Mulher Oceano* a diretora investigava a dualidade feminina em chave poética, agora ela radicaliza o gesto: transforma o encontro entre duas irmãs em um campo de batalha psicológico onde memória, violência e identidade colidem sem concessões.

A trama acompanha Cleo, uma astrônoma grávida, cuja rotina é atravessada pela chegada inesperada de Nalu, sua meia-irmã de origem indígena. O que poderia ser um reencontro familiar se converte em um processo de escavação emocional. À medida que as duas se aproximam, emergem lembranças reprimidas e indícios de relações abusivas que se estendem do passado ao presente – e que ganham contornos ainda mais perturbadores ao tocar o universo difuso da deep web. No centro dessa espiral estão corpos e vozes que carregam densidade. A própria Sganzerla assume o protagonismo, ao lado de Sergio Guizé e Lian Gaia, compondo um elenco que transita entre o naturalismo e o delírio. Mas é a presença de Helena Ignez – figura histórica do cinema marginal e mãe da diretora – que imprime ao filme uma espécie de continuidade genealógica, como se “Eclipse” dialogasse não apenas com o presente, mas com toda uma tradição insurgente do cinema brasileiro.




Há, também, um jogo simbólico potente: de um lado, a ciência – representada pela astronomia de Cleo, que observa o cosmos em busca de ordem; de outro, a ancestralidade de Nalu, que opera no campo da intuição, da memória e do invisível. Entre essas duas forças, o filme constrói sua tensão central, sugerindo que nem tudo pode ser medido, explicado ou contido.

Inspirado por um caso real – o de uma mulher que descobriu estar sendo ameaçada e difamada pelo próprio marido em fóruns online –, “Eclipse” evita o didatismo e aposta na atmosfera. O horror aqui não é explícito; ele se infiltra. Está nos gestos, nos silêncios, nas entrelinhas. É a violência que não deixa marcas visíveis, mas corrói por dentro.

Exibido na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo e com passagem por festivais internacionais, o longa chega agora ao circuito comercial com a ambição de ampliar o debate sobre relações tóxicas e as formas contemporâneas de agressão – especialmente aquelas mediadas pela tecnologia e pelo anonimato.

Mas “Eclipse” não é um filme de tese. É experiência. Um cinema que pulsa mais na sensação do que na explicação, mais na fratura do que na síntese. Ao final, fica a impressão de que Sganzerla não quer oferecer respostas – e talvez nem devesse. Seu interesse está em iluminar o instante exato em que a sombra começa a crescer.

E, como todo eclipse, o fenômeno é raro – mas impossível de ignorar.



DEPOIS DO NEON: O IMPÉRIO EXPANDIDO DE EUPHORIA INVADA A HBO MAX

Com a terceira temporada em curso, o elenco que definiu uma geração transborda da série e ocupa o catálogo com performances que vão do épico sci-fi ao terror psicológico – um retrato da nova gramática de Hollywood

Há algo de sintomático no fato de Euphoria ter deixado de ser apenas uma série para se tornar um radar geracional. Desde sua estreia, a produção da HBO transformou angústias adolescentes em estética — luzes de néon, trilhas pulsantes e silêncios que dizem mais do que diálogos inteiros. Agora, com a terceira temporada em exibição, o fenômeno se reconfigura: menos sobre o que acontece em East Highland e mais sobre onde seus rostos continuam reverberando.

A estratégia da HBO Max é clara — e eficaz. Ao mapear a trajetória de seu elenco para além da série, a plataforma constrói uma espécie de universo expandido, em que cada ator carrega consigo fragmentos daquele colapso emocional que tornou Euphoria um marco.

No centro dessa constelação está Zendaya, duas vezes vencedora do Emmy por sua Rue — personagem que sintetiza fragilidade e fúria em doses quase insuportáveis. Fora da série, Zendaya se desloca com precisão entre registros: da ficção científica monumental de Duna e Duna: Parte Dois, onde encarna a enigmática Chani, ao território mais leve das animações como Pé Pequeno e Space Jam: Um Novo Legado. Há, em sua trajetória, uma recusa em ser reduzida — como se cada papel fosse um gesto de fuga da própria Rue. Já Jacob Elordi parece interessado no caminho oposto: mergulhar em arquétipos masculinos até o limite do desconforto. Seu Nate Jacobs — tóxico, silencioso, ímplosivo — encontra ecos em trabalhos como Priscilla, dirigido por Sofia Coppola, onde interpreta um Elvis Presley menos mitológico e mais claustrofóbico. E na nova adaptação de O Morro dos Ventos Uivantes, seu Heathcliff reforça a vocação para personagens que vivem à beira do abismo emocional.

Sydney Sweeney, por sua vez, faz da vulnerabilidade uma ferramenta de precisão. Sua Cassie — talvez a mais trágica entre os vivos de Euphoria — se desdobra em performances que transitam entre o luxo decadente de The White Lotus, a tensão psicológica de Sharp Objects e o horror quase litúrgico de Imaculada. Há um padrão: personagens que parecem sempre à beira de romper — ou de desaparecer.

Mas o fenômeno não se limita ao trio central. Colman Domingo empresta sua gravidade à nova versão de A Cor Púrpura, enquanto Storm Reid circula entre o colapso civilizatório de The Last of Us e o terror de A Freira 2. Alexa Demie, com sua presença magnética, surge em Fantasma, enquanto Austin Abrams* e Angus Cloud expandem o espectro com suspense e ação.



Até mesmo os coadjuvantes carregam esse DNA de transversalidade. Eric Dane e Minka Kelly aparecem em comédias românticas que parecem deslocadas — mas não por acaso. Há algo de irônico em ver rostos marcados por dramas intensos orbitando narrativas mais leves: como se Hollywood testasse os limites de sua própria elasticidade emocional.

O que emerge desse mosaico não é apenas um guia de streaming, mas um retrato da indústria contemporânea. O elenco de Euphoria encarna uma nova lógica de circulação: atores que não pertencem mais a um único gênero, formato ou plataforma. Eles são, antes, vetores de atenção — capazes de arrastar públicos inteiros de um universo a outro.

No fim, talvez Euphoria nunca tenha sido apenas sobre juventude, vício ou identidade. Talvez tenha sido, desde o início, sobre permanência. Sobre como certos rostos — e certas dores — insistem em nos seguir, mesmo quando a tela muda.

A REPÚBLICA DOS CORREDORES: CHICO FELITTI TRANSFORMA O CONJUNTO JK EM THRILLER CONDOMINIAL NO PODCAST “A SÍNDICA”

Novo trabalho do jornalista mergulha nas tensões, absurdos e disputas de poder de um dos edifícios mais emblemáticos de Belo Horizonte – uma espécie de microcosmo brasileiro onde convivência vira suspense social

Depois de transformar uma casa decadente em símbolo nacional de obsessão coletiva com *A Mulher da Casa Abandonada*, o jornalista Chico Felitti volta a mirar personagens que parecem saídos de uma ficção tropical, mas existem — e mandam — muito perto de nós. Seu novo podcast, *A Síndica*, lançado nesta terça-feira (6), troca os muros de uma mansão isolada pelos corredores labirínticos do icônico Conjunto JK, em Belo Horizonte, para investigar uma figura tão folclórica quanto temida: a síndica que permaneceu por quase quatro décadas no comando do edifício.

Dividida em cinco episódios, a série aposta no mesmo combustível que transformou Felitti em um dos principais narradores do estranho cotidiano brasileiro: histórias reais que misturam tensão, humor involuntário, decadência urbana e personagens maiores do que a própria arquitetura ao redor delas. E não é pouca arquitetura. Projetado por Oscar Niemeyer, o Conjunto JK nasceu como utopia modernista vertical — um sonho de convivência coletiva no coração da capital mineira. Décadas depois, torna-se cenário de uma espécie de tragicomédia administrativa, onde assembleias, disputas internas e pequenos autoritarismos assumem contornos quase cinematográficos.

Felitti entende como poucos que o condomínio é uma das grandes metáforas contemporâneas do Brasil. Ali, diferenças sociais, morais e econômicas se comprimem em elevadores apertados, corredores compartilhados e grupos de WhatsApp inflamados. Em “*A Síndica*”, o jornalista transforma boletos, atas e reuniões intermináveis em matéria-prima para um suspense social que revela muito mais do que conflitos entre moradores: revela as engrenagens invisíveis de poder que atravessam a vida urbana.

Há algo de irresistível na forma como o podcast transforma a burocracia cotidiana em narrativa pop. Não se trata apenas de investigar uma gestão controversa, mas de explorar o fascínio coletivo por figuras que ocupam espaços de autoridade quase absoluta em microterritórios aparentemente banais. A síndica, aqui, deixa de ser apenas administradora de condomínio para assumir o papel de personagem mítica — uma mistura de zeladora da ordem, antagonista pública e lenda oral de corredor.



O projeto também aprofunda a aproximação entre jornalismo narrativo e branded content. Patrocinado pelo [Grupo Superlógica](#), o podcast busca inserir a marca dentro do universo narrativo sem interromper a experiência de escuta. Em vez da publicidade tradicional, a proposta tenta transformar problemas de convivência, inadimplência e gestão em pano de fundo para discutir o próprio mercado condominial — um território que movimenta bilhões e interfere silenciosamente na vida de milhões de brasileiros.

Mais do que um podcast sobre síndicos, “A Síndica” parece interessado em outra pergunta: o que acontece quando pessoas comuns acumulam poder demais em espaços onde ninguém está realmente olhando? É justamente nesse ponto que Felitti volta a encontrar sua matéria-prima favorita — o Brasil das figuras excêntricas, dos bastidores abafados e das histórias que parecem absurdas demais para serem inventadas.

Serviço

Podcast: A Síndica

Estreia: 6 de maio de 2026

Formato: 5 episódios semanais

Disponível em: principais plataformas de áudio

Criação e apresentação: Chico Felitti

Patrocínio: [Grupo Superlógica](#)

ENTRE O FIM E A TRAVESSIA

Em A Continuidade da Consciência, Beth Lamas e Paulo Tonhasolo transformam a morte em conversa possível – e convidam o leitor a enxergar o luto, o envelhecimento e a despedida como parte inseparável da experiência de estar vivo

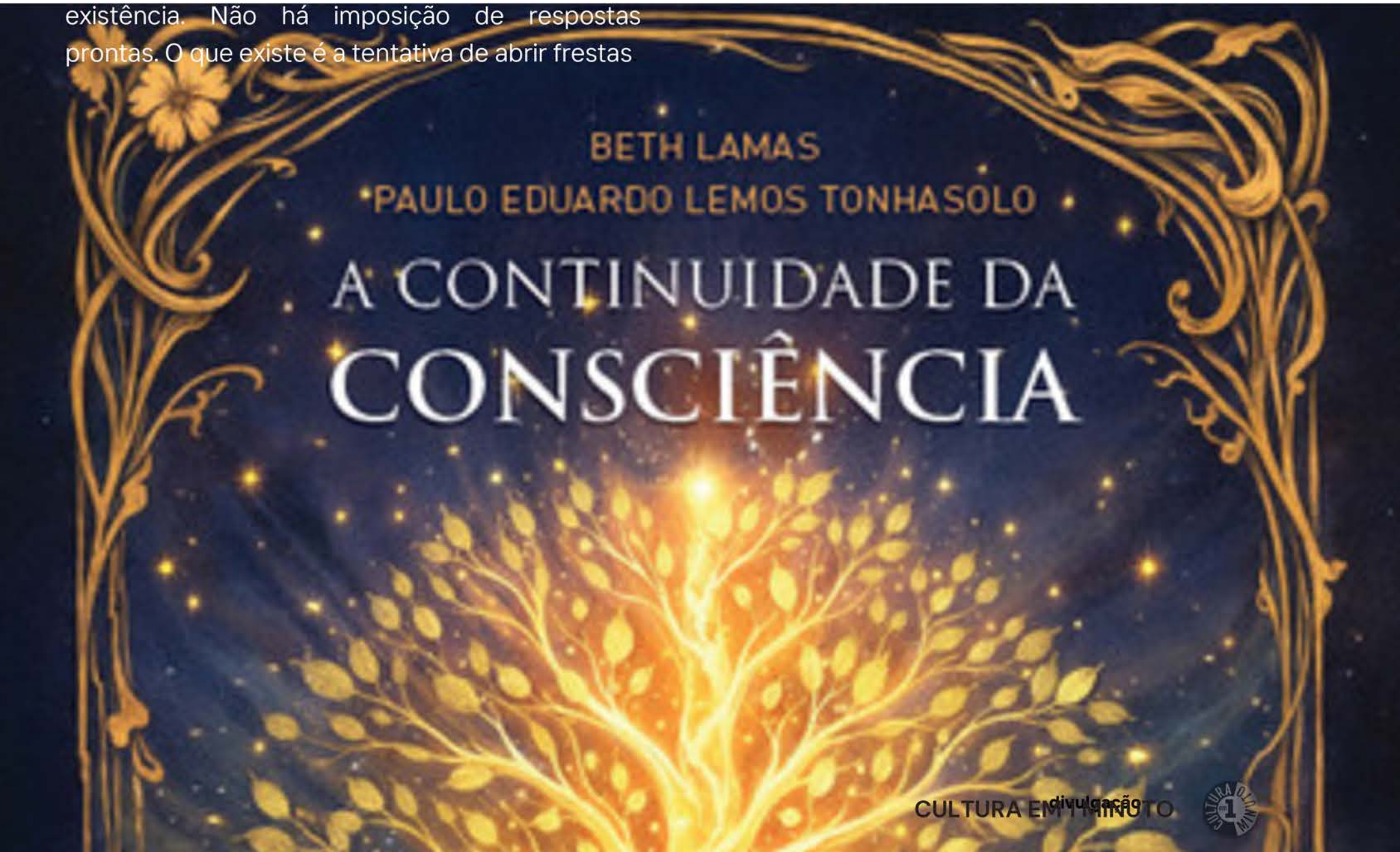
Há livros que tentam explicar a morte. Outros, mais raros, tentam diminuir o silêncio ao redor dela. A Continuidade da Consciência: Vida, morte e a jornada eterna da alma, de Beth Lamas e Paulo Tonhasolo, pertence a essa segunda categoria: não surge como manual espiritual nem como tratado definitivo sobre o fim da vida, mas como um gesto de aproximação. Um convite para sentar diante daquilo que a sociedade contemporânea prefere esconder.

O lançamento acontece no dia 13 de maio, em Campinas, mas o livro parece dialogar com um desconforto muito mais amplo e atual: a dificuldade coletiva de falar sobre morrer em uma época obcecada por produtividade, juventude e permanência.

Ao longo das páginas, Beth e Paulo percorrem reflexões filosóficas, espirituais e culturais para propor uma mudança de perspectiva. A morte deixa de aparecer como ruptura absoluta e passa a ser observada como continuidade – uma passagem inserida nos ciclos naturais da existência. Não há imposição de respostas prontas. O que existe é a tentativa de abrir frestas

Essa delicadeza talvez venha da própria trajetória dos autores. Beth Lamas atua há mais de quatro décadas acompanhando processos ligados ao desenvolvimento da consciência e ao acolhimento de pessoas em momentos de dor e luto. Fundadora do espaço Calma Mente, em Campinas, ela escreve a partir de uma escuta construída na convivência com perdas reais, medos íntimos e perguntas que raramente encontram espaço fora da esfera privada.

Paulo Tonhasolo, educador e pesquisador do desenvolvimento humano, leva ao livro uma investigação sobre consciência, relações e espiritualidade que atravessa sua trajetória como facilitador e autor. Em vez de transformar o tema em abstração, ele aproxima a morte da experiência cotidiana: dos encerramentos, das mudanças, das pequenas despedidas que moldam a vida antes mesmo do último adeus.



BETH LAMAS
• PAULO EDUARDO LEMOS TONHASOLO •
A CONTINUIDADE DA
CONSCIÊNCIA

“Passei a reconhecer a morte como uma passagem que promove continuidade e não rompimento”, afirma Tonhasolo em um dos trechos da obra. A frase ajuda a compreender o eixo central do livro: a tentativa de retirar da morte seu lugar exclusivamente trágico para inseri-la novamente no fluxo da existência.

Beth também parte de uma experiência pessoal. Durante anos, conta ela, o tema provocou medo e desconforto. Foi somente na vida adulta, em contato com diferentes linhas de pensamento espiritual, que encontrou maneiras menos dolorosas de olhar para a finitude. “Hoje, consigo enxergar esse momento como parte de um processo maior”, escreve.

O resultado é um livro que conversa simultaneamente com espiritualidade, filosofia prática e experiência humana. Há capítulos dedicados ao luto, ao envelhecimento, à preparação consciente para a morte e às diferentes interpretações culturais sobre o que pode existir depois dela. Mas talvez o aspecto mais interessante esteja justamente no tom: os autores evitam transformar a dor em espetáculo ou a transcendência em fórmula de autoajuda.

A presença da médica paliativista Ana Cláudia Quintana Arantes, que assina a reflexão presente na contracapa, reforça esse diálogo entre espiritualidade e cuidado humano. Referência nacional quando o assunto é finitude, Ana Cláudia ajudou a trazer a discussão sobre morte para fora dos hospitais e para dentro do debate público brasileiro — não como morbidez, mas como exercício de consciência sobre a própria vida.

Em tempos em que o algoritmo exige felicidade permanente e velocidade emocional, A Continuidade da Consciência parece seguir na direção oposta: desacelerar para encarar perguntas inevitáveis. Não para responder ao mistério da morte, mas para reduzir o medo que ela produz quando permanece interdita.

No fundo, o livro de Beth Lamas e Paulo Tonhasolo fala menos sobre morrer do que sobre aprender a viver com presença. Porque talvez exista algo profundamente humano no gesto de aceitar que toda existência é feita de ciclos — e que compreender o fim pode ser, também, uma maneira de ampliar o sentido daquilo que ainda permanece.

divulgação



TODO NOME GUARDA UMA HISTÓRIA PRA CONTAR

MAIS DE 10 MIL PESSOAS JÁ RIRAM E SE EMOCIONARAM



MELHOR
DRAMATURGIA
PRÊMIO FITA

MELHOR SOLO
PRÊMIO ARCANJO

TODO NOME GUARDA UMA HISTÓRIA PRA CONTAR

MEU REMÉDIO

UMA COMÉDIA DE **MOUHAMED HARFOUCH**

DIREÇÃO DE **JOÃO FONSECA**

**CENTRO DE CONVIVÊNCIA
CAMPINAS**

QUINTA - 30 ABRIL - 20h

THOMAS GRIG & SONS

Apoio



Produção Local



Apoio Institucional



Vendas:



“PROCESSOS”

“QUANDO O TRAÇO DISTORCE, A IDENTIDADE APARECE..”



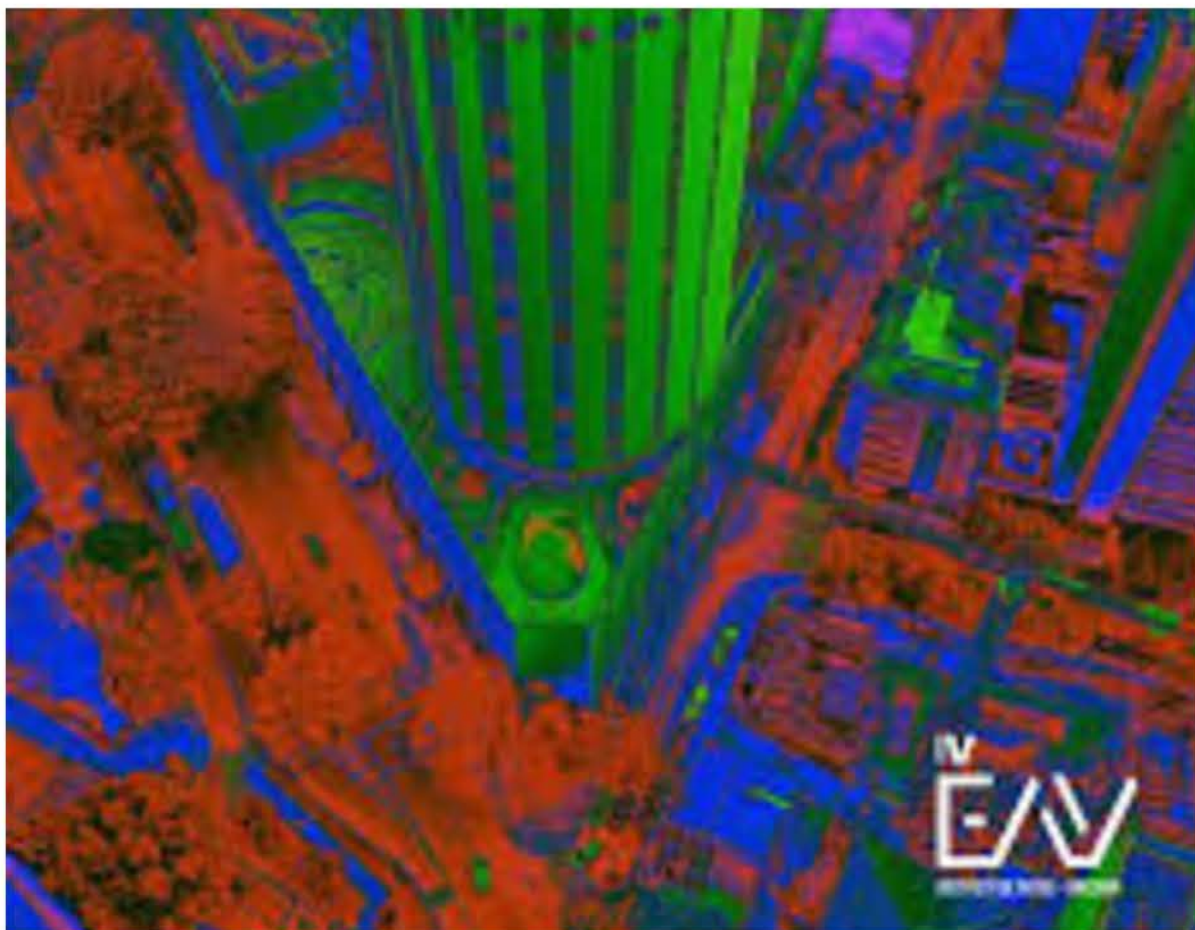
ENTRE PROCESSOS E IMAGENS: O EAV OCUPA CAMPINAS COMO LABORATÓRIO ABERTO DE ARTE

De 19 a 22 de maio, quarta edição do encontro da Universidade Estadual de Campinas reúne seminários, oficinas, exposição e abre com conferência de Renata Zago

Campinas entra num estado particular de atenção — desses em que a arte não se apresenta como resposta, mas como processo. E quando acontece a quarta edição do Encontro de Artes Visuais (EAV), organizado por estudantes do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Durante quatro dias, o evento desloca a pesquisa artística do silêncio das bancas para o ruído produtivo do encontro. A abertura, no entanto, já dá o tom do que vem pela frente. No dia 19 de maio, às 9h, no auditório da BORA (Biblioteca de Obras Raras), a professora e pesquisadora Renata Zago inaugura o evento com a conferência “Rastros em movimento: exposições, arquivos e escrita da história da arte”. O retorno não é apenas institucional, mas simbólico: formada pela própria Unicamp — da graduação ao doutorado —, Zago volta agora como uma das vozes que ajudam a pensar a história da arte a partir das exposições, dos arquivos e das suas disputas de narrativa.

Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pesquisadora dedicada às histórias das exposições e às bienais de arte, Zago encarna, de certa forma, o espírito do EAV: uma prática crítica que entende a arte não como objeto fixo, mas como campo em constante deslocamento. A engrenagem do encontro é simples — e, por isso mesmo, eficaz: seminário durante o dia, exposição em fricção contínua e oficinas que ativam o corpo no fim da tarde. Mas o que acontece ali está longe de ser apenas programação. E um tipo de convivência. As manhãs seguem, a partir dessa abertura, com sessões de comunicação que se estendem das 9h às 12h30, atravessando temas como imagem e política, memória, território e práticas curatoriais. À tarde, das 14h às 17h30, o ciclo se repete, insistindo nesse gesto cada vez mais raro: pensar em público, sem a proteção do acabamento.

A engrenagem do encontro é simples — e, por isso mesmo, eficaz: seminário durante o dia, exposição em fricção contínua e oficinas que ativam o corpo no fim da tarde.



IV ENCONTRO DE ARTES VISUAIS

19 - 22 DE MAIO/2026



IV ENCONTRO DE ARTES VISUAIS

2 DE MAIO/2026



À noite, o ritmo muda. Ainda no dia 19 de maio, às 18h, a abertura da exposição marca uma inflexão sensível no encontro. Parte dela ocupa o Instituto de Artes; outra se desloca para o Instituto Pavão Cultural — e é nesse deslocamento que o evento ganha respiração. Ali, fora do ambiente estritamente acadêmico, as obras parecem operar com outra intensidade: instalações, vídeos, fotografias e experimentos híbridos que não ilustram pesquisas, mas as tensionam. Não há hierarquia entre teoria e prática. Há contaminação. Nos dias 20 e 21 de maio, sempre às 18h, entram em cena as oficinas. São momentos em que o discurso cede espaço ao gesto: práticas de criação, exercícios de escrita, experiências visuais. Menos explicação, mais tentativa. E quando o público deixa de assistir e passa a operar junto. O último dia, 22 de maio, carrega uma espécie de suspensão. Pela manhã, das 9h às 12h30, acontecem as últimas sessões de comunicação. À tarde, entre 14h e 16h, o encontro se fecha com um debate final — não como síntese, mas como continuidade. A exposição segue aberta até o fim do dia, como se ainda dissesse: nada aqui terminou.

Há, no EAV, uma recusa silenciosa ao espetáculo. Em vez de nomes inflados, processos. Em vez de certezas, perguntas bem formuladas. Talvez por isso o evento importe: porque insiste na arte como prática de pensamento — coletiva, inacabada, pública.

Serviço

Evento: IV Encontro de Artes Visuais (EAV)
– Instituto de Artes / Universidade Estadual de Campinas

Data: 19 a 22 de maio

Destaques da programação:

- Abertura e conferência: 19 de maio, às 9h – “Rastros em movimento”, com Renata Zago (BORA – Biblioteca de Obras Raras)
- Seminário: 19 a 22 de maio, das 9h às 12h30 e das 14h às 17h30
- Abertura da exposição: 19 de maio, às 18h
- Exposição: visitação de 19 a 22 de maio
- Oficinas: 20 e 21 de maio, às 18h
- Encerramento: 22 de maio, das 14h às 16h

Locais:

- Instituto de Artes – Unicamp (Barão Geraldo, Campinas)
- Instituto Pavão Cultural
- Auditório da BORA (Biblioteca de Obras Raras – Unicamp)

Entrada: Gratuita

Público: aberto a interessados em arte, cultura e pesquisa contemporânea

Organização: Discentes do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV/IA-Unicamp)

ROSTO, TRAÇO E EXAGERO: CARICATURA OCUPA O CENTRO DA ARTE CONTEMPORÂNEA EM CAMPINAS

Exposição “Atos Caricatos”, na Biblioteca Pública Municipal Professor Ernesto Manoel Zink, reúne artistas da região Sudeste e transforma o humor gráfico em território de crítica, memória e experimentação visual

Há algo de profundamente humano no exagero. A caricatura — esse território onde o traço distorce para revelar — volta ao centro da cena em Campinas com a exposição “Atos Caricatos”, que estreia a partir de 8 de maio na Biblioteca Zink. E não chega tímida: são mais de 50 obras que atravessam técnicas, linguagens e gerações, propondo uma leitura contemporânea de um gênero que há décadas dialoga com política, comportamento, cultura pop e identidade brasileira.

Logo na entrada, um velho conhecido encara o público com ironia: Keith Richards surge em preto e branco, moldado em linhas densas que aprofundam suas rugas como se fossem mapas do excesso e do tempo. O cigarro aceso, a fumaça transformada em desenho quase abstrato, sintetiza o espírito da mostra: a caricatura não apenas como piada visual, mas como linguagem artística autônoma.

O diálogo com o histórico Salão Internacional de Humor de Piracicaba atravessa toda a exposição. Há mais de cinco décadas, o salão projeta artistas brasileiros internacionalmente e consolidou a região de Campinas como um dos polos mais férteis da caricatura nacional. Em 2026, esse percurso ganha um novo marco simbólico: pela primeira vez em mais de meio século, uma mulher de Campinas assume a presidência do evento. Participam da mostra os artistas Paulo Branco, Robinson José da Silva, Synnöve Hilckner, Rosana Amorim, Glauci Ventura, Paula Rochael, Raquel Urso, Luís Gustavo Paffaro, Wander, Arlete Nunes, Alex Souza, Aldinho Arts, Maria Rita, Isabel Corbetta, Wlamir e Misso Avancine – nomes que ajudam a desenhar um mosaico afetivo e crítico da caricatura produzida hoje na região.

Mas “Atos Caricatos” também quer aproximar o público do gesto criativo. No dia 30 de maio, às 14h, a Biblioteca Zink promove uma oficina de caricatura aberta a todas as idades. A proposta é simples e poderosa: devolver o desenho à experiência coletiva, à mão, ao papel, ao improviso do olhar. Entre tradição e renovação, memória e provocação, a exposição reafirma a caricatura como uma linguagem viva – democrática, popular e profundamente contemporânea. Em tempos de imagens excessivamente filtradas e identidades cada vez mais calculadas, o exagero talvez continue sendo uma das formas mais honestas de retratar o mundo.

Com coordenação de Paulo Branco e curadoria de Synnöve Hilckner, “Atos Caricatos” reúne artistas de Campinas e da região Sudeste de São Paulo, reafirmando a potência da produção local. A exposição valoriza aquilo que Ziraldo costumava reconhecer como uma das maiores riquezas do humor gráfico brasileiro: a força criativa do interior paulista.

Entre grafite, lápis de cor, pastel seco, pastel oleoso, aquarela, pintura digital e escultura, a mostra revela um panorama múltiplo da caricatura contemporânea. As obras oscilam entre humor, crítica social e experimentação estética, deslocando o desenho de humor do lugar de mera sátira para um campo expandido da arte.

Serviço

Exposição – Atos Caricatos

Biblioteca Pública Municipal Professor Ernesto Manoel Zink

A partir de 8 de maio

Visitação: segunda a sexta-feira, das 9h às 17h

Entrada gratuita

Coordenação: Paulo Branco

Curadoria: Synnöve Hilckner

Oficina de Caricatura

Sábado, 30 de maio

14h

Atividade gratuita e aberta para todas as idades



Consulte condições.

Consórcio do Sicredi

O melhor caminho até suas conquistas.

Uma das [%]
melhores
TAXAS DO MERCADO.

Simule em sicredi.com.br

 **Sicredi**



**“CORPO,
ESCUTA E
PRESENÇA”**

**“ENTRE O GESTO E O SILÊNCIO, O CORPO
APRENDE A OUVIR O MUNDO.”**

VIOLÃO VADIO REACENDE O ESPÍRITO DOS AFRO-SAMBAS DE BADEN POWELL EM CAMPINAS

Com direção de Gustavo de Medeiros e voz de Hilda Maria, espetáculo mergulha na obra visceral do violonista ao lado de parceiros como Vinicius de Moraes e Paulo César Pinheiro

Há algo de ritualístico na música de Baden Powell — como se cada acorde carregasse não apenas técnica, mas uma espécie de memória ancestral. É esse território entre o sagrado e o popular que o espetáculo “Violão Vadio - O Samba de Baden Powell” decide habitar, em apresentação única em Campinas.

No palco, o violão de Gustavo de Medeiros conduz a narrativa com precisão e reverência, enquanto a intérprete Hilda Maria assume a linha de frente vocal, costurando emoção e densidade às canções que marcaram a obra do compositor carioca. O repertório revisita parcerias fundamentais com nomes como Vinicius de Moraes, Paulo César Pinheiro e Billy Blanco — tríade que ajudou a consolidar uma das fases mais espirituais e sofisticadas da música brasileira.

Clássicos como “Lapinha” e “Sermão” aparecem ao lado dos afro-sambas, esse capítulo à parte dentro da discografia de Baden, onde o violão deixa de ser apenas instrumento harmônico para se tornar percussão, reza e transe. A faixa-título “Violão Vadio” funciona como manifesto estético: música errante, livre, que não pede licença para atravessar fronteiras entre o erudito e o terreiro.



20h



Violão Vadio

O SAMBA DE BADEN POWELL

Mais do que um tributo, o espetáculo se coloca como um gesto de continuidade – uma tentativa de manter acesa a chama de um repertório que resiste ao tempo justamente por sua radicalidade estética e espiritual. Em tempos de playlists apressadas, ouvir Baden com atenção pode ser um ato quase subversivo.

A apresentação acontece no Instituto Pavão Cultural, espaço que vem se consolidando como ponto de resistência artística em Barão Geraldo, ao apostar em programações intimistas e de forte apelo autoral.


Serviço


Violão Vadio – O Samba de Baden Powell

 Data: 16 de maio de 2026 (sábado)

 Horário: 20h


 Local: Instituto Pavão Cultural

 Endereço: Rua Maria Tereza Dias da Silva, 708
- Cidade Universitária, Barão Geraldo -
Campinas/SP

 Ingressos:

- Antecipado: R\$ 40 (inteira) | R\$ 20 (meia)
- Na porta: R\$ 50 (inteira) | R\$ 25 (meia)

 Reservas: WhatsApp (19) 99633-4104

 Acessibilidade: Atendimento mediante contato prévio para pessoas com mobilidade reduzida ou idosos

O espaço incentiva o pagamento da inteira como forma de apoiar a sustentabilidade do projeto e a remuneração dos artistas.

ENTRE CANÇÕES E CICATRIZES DO AFETO, “AMOR EM RETALHOS” ESTREIA TEMPORADA EM CAMPINAS

CAMPINAS, SP — O amor raramente chega inteiro. Quase sempre aparece em fragmentos: uma lembrança interrompida, uma canção antiga, uma despedida que ainda ecoa. É justamente desse território de restos afetivos, memórias e permanências que nasce Amor em Retalhos, espetáculo concebido e interpretado por Rita Lunardi, que estreia no dia 15 de maio no Auditório da ACI Campinas.

Em temporada até 31 de maio, a montagem ocupa o palco da Associação Campineira de Imprensa com uma proposta que costura dramaturgia, literatura e música brasileira em uma experiência íntima e sensorial. Ao longo de cinco cenas independentes — mas emocionalmente conectadas — a peça atravessa diferentes estados do amor: o amor ferido, platônico, eterno, impossível, romântico e arrebatador.



RICARDO LIMA

Solo de Rita Lunardi transforma dramaturgia, literatura e música brasileira em uma travessia sensível pelas múltiplas formas do amor

RICARDO LIMA



“A PEÇA ATRAVESSA DIFERENTES ESTADOS DO AMOR: O AMOR FERIDO, PLATÔNICO, ETERNO, IMPOSSÍVEL, ROMÂNTICO E ARREBATADOR..”

Inspirado por obras fundamentais da cultura brasileira, como Grande Sertão: Veredas, Gota d’Água e Cordel do Amor Sem Fim, o espetáculo constrói uma espécie de tapeçaria emocional onde palavra, corpo e música se contaminam mutuamente.

No palco, Rita Lunardi conduz as transições entre personagens diante do público. Figurinos, objetos e elementos de cena são incorporados em tempo real, revelando a arquitetura íntima do fazer teatral. Em alguns momentos, a encenação rompe deliberadamente a quarta parede, aproximando plateia e atriz numa experiência de partilha quase confessional.

“As facetas do sentimento amoroso já eram uma ideia antiga, mas na pandemia, reclusa, o estudo foi se encaminhando por cenas individuais, personagens que pudessem expor as razões do amor ou a falta dele. E por eu também cantar, a música sempre fez parte das histórias que eu queria interpretar”, afirma a atriz.

A dimensão musical da montagem ganha protagonismo com a presença de Rodrigo Duarte, responsável pela direção musical e execução das canções ao vivo. Mais do que trilha sonora, a música funciona como extensão dramática: comenta emoções, costura atmosferas e amplia os silêncios das personagens.

Conhecido por transitar entre samba, jazz e MPB, Rodrigo Duarte já dividiu palco com nomes importantes da música brasileira, como Hermeto Pascoal, Cristóvão Bastos, Moacyr Luz e Nelson Sargento. Em Amor em Retalhos, ele faz sua primeira incursão no teatro como diretor musical.

Ficha Técnica

Concepção cênica e interpretação: Rita Lunardi

Supervisão de direção: Jonas Lemos e Ruth Elizabeth

Direção musical e execução: Rodrigo Duarte

Figurinos: Deo Pitti e Rita Lunardi

Fotografia: Ricardo Lima

Serviço

Espetáculo: Amor em Retalhos

Temporada: 15 a 31 de maio

Sessões:

Sextas e sábados, às 20h

Domingos, às 19h

Local: Auditório da ACI Campinas

Rua Barreto Leme, 1479 – Centro

Ingressos:

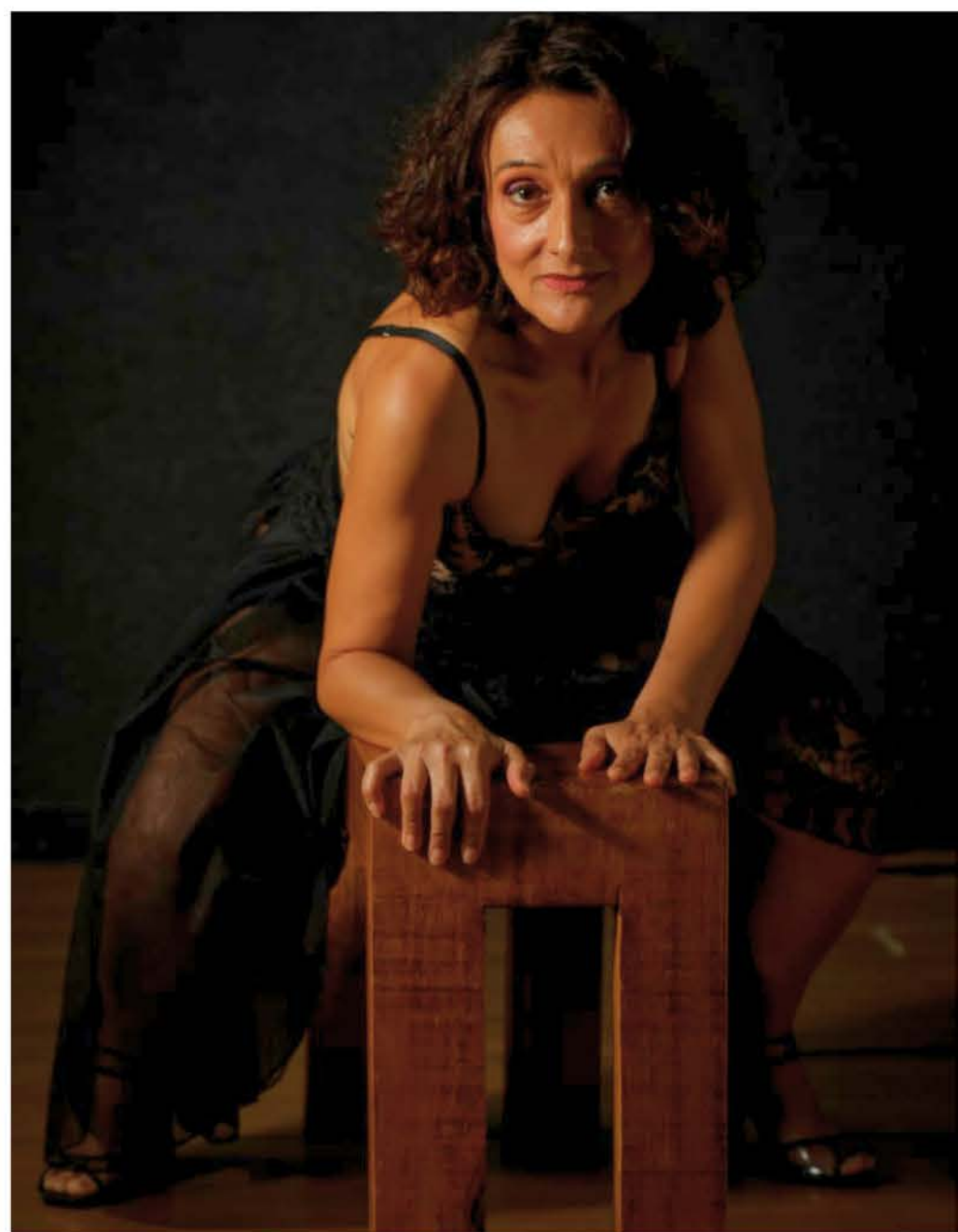
R\$ 30 (meia-entrada) e R\$ 60 (inteira) + taxa

Vendas: pela plataforma Sympla

[Ingressos para Amor em Retalhos](#)

O espetáculo também marca um momento decisivo na trajetória de Rita Lunardi. Depois de trabalhos que atravessam o universo de Nelson Rodrigues, experiências com o teatro do absurdo de Eugène Ionesco e montagens inspiradas na literatura de Rubem Alves, a atriz agora assume seu primeiro solo – um trabalho que parece reunir, em cena, todas essas camadas anteriores.

O resultado é um espetáculo que prefere a delicadeza ao excesso. Um trabalho que entende o amor não como resposta, mas como matéria viva: imperfeita, contraditória e profundamente humana.



Ricardo Lima

CORPOS EM VERSO: FLAMENCO E POESIA COSTURAM DIÁLOGO FEMININO EM “9 POEMAS”, EM CAMPINAS

Espectáculo do Estúdio Flamenco Soniquete cruza as palavras de Conceição Evaristo e Florbela Espanca em uma montagem sensível que ocupa diferentes palcos da cidade com entrada gratuita



9POEMAS_FOTO VITOR DAMIANI

Há encontros que não se dão no tempo — mas na urgência. Em “9 Poemas”, novo espetáculo do Estúdio Flamenco Soniquete, duas vozes separadas por décadas e geografias se atravessam como se compartilhassem o mesmo fôlego. De um lado, a escrevivência pulsante de Conceição Evaristo; de outro, a intensidade lírica e confessional de Florbela Espanca. No palco, o que se vê não é apenas adaptação — é fricção, tradução e reinvenção.

Interpretado por Mariana Abreu, Renata Oliveira, Josi Azevedo e Naia Prata, o trabalho transforma poesia em gesto e respiração. Cada intérprete carrega um território: o flamenco que corta o chão com precisão, as raízes afro que expandem o corpo para além da forma, e a palavra que insiste em permanecer, mesmo quando silenciada. Sob direção artística de Mariana Abreu e direção cênica de Moacir Ferraz, a montagem constrói uma espécie de coreografia da escuta — onde versos ganham carne e presença.

A escolha dos textos não é casual. De Evaristo, surgem poemas como “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, que ecoa resistência e vigília; de Espanca, peças como “Vaidade” e “Eu” tensionam identidade e desejo. O que poderia soar como contraste se revela continuidade: mulheres escrevendo — e sobrevivendo — em contextos distintos, mas igualmente atravessados por apagamentos e afirmações.

Há também um desenho sonoro que sustenta essa travessia. A trilha original, criada coletivamente por Denis Sartorato, Isadora Arruda, Edu Guimarães e Yandara Pimentel, não ilustra — tensiona. É camada, ruído e pulsação. Ao lado da iluminação de Eduardo Brasil e da construção visual assinada por Jaqueline Ramirez e equipe, o espetáculo assume uma dimensão sensorial que ultrapassa a palavra dita.



“O QUE PODERIA SOAR COMO CONTRASTE SE REVELA CONTINUIDADE: MULHERES ESCREVENDO E SOBREVIVENDO EM CONTEXTOS DISTINTOS, MAS IGUALMENTE ATRAVESSADOS POR APAGAMENTOS E AFIRMAÇÕES.”

“9 Poemas” se constrói como um rito contemporâneo: uma tentativa de traduzir, em movimento, aquilo que a linguagem sozinha já não dá conta. Mais do que homenagem, é um gesto político — ainda que delicado — sobre permanência, escuta e afirmação feminina.

Ao circular por diferentes espaços de Campinas, com entrada gratuita e acessibilidade em Libras, a obra também desloca o centro. Leva poesia e dança a territórios diversos, reafirmando que o encontro entre arte e público não precisa de mediações elitizadas — apenas de presença.

Serviço

“9 Poemas” – Estúdio Flamenco Soniquete

Entrada gratuita | Classificação: livre |

Acessível em Libras

- 08 de maio (sexta-feira), 20h – Instituto de Artes da Unicamp (Sala AD01) – Rua Pitágoras, 500
- 09 de maio (sábado), 19h30 – Teatro Castro Mendes – Rua Conselheiro Gomide, 62
- 22 de maio (sexta-feira), 19h – CEU Mestre Alceu – Rua Lasar Segal, 110
- 23 de maio (sábado), 19h – Espaço Cultural Maria Monteiro – Rua Dom Gilberto Pereira Lopes, 412
- 24 de maio (domingo), 19h – Centro Cultural Casarão – Rua Aracy de Almeida Câmara, 291

Day Use

Um dia inteiro de diversão para toda família

- ✓ Piscina Climatizada
- ✓ Espaço Kids
- ✓ Cantinho do bebê
- ✓ Quadra de esportes
- ✓ Bar & Restaurante

Informações e Reservas:

(19) 3114-8900 

www.hoteisvilaricacampinas.com.br



hotel vila rica campinas
mania de atender bem



RIR É URGENTE: O HUMOR TOMA O PALCO EM MARATONA AFIADA NO TEATRO OFICINA DO ESTUDANTE

De Renato Albani aos Barbixas, programação a partir de sexta-feira revela o riso como ferramenta de leitura – e sobrevivência – do Brasil contemporâneo

BRUNO DE SOUZA DIVULGA

GRAVAÇÃO ESPECIAL



A IGNORÂNCIA É UMA DÁDIVA

RENATO ALBANI

Há algo de profundamente revelador em observar do que uma plateia ri. Não se trata apenas da piada — mas do tempo da risada, do atraso entre a frase e o eco coletivo, do tipo de constrangimento que antecede o gargalhar. Em semanas como esta, no Teatro Oficina do Estudante, o humor deixa de ser apenas programação cultural e passa a operar como um pequeno laboratório social.

A partir de sexta-feira, a agenda se organiza como um recorte quase didático de três modos de rir — e, portanto, de três maneiras de lidar com o mundo.

Sexta-feira: a consciência como punchline. Quando Renato Albani sobe ao palco com *A Ignorância É Uma Dádiva*, há uma operação curiosa em curso. Seu humor não depende do absurdo distante, mas de um reconhecimento incômodo: somos nós ali, filtrados pela lente da memória recente.

Albani fala de redes sociais, mas poderia estar falando de uma nova gramática da existência. A exposição constante, o comentário imediato, a opinião como reflexo — tudo isso aparece em cena como matéria-prima cômica, mas também como sintoma. O riso, nesse caso, não é exatamente libertador. É um riso de identificação, quase defensivo, como quem percebe que o alvo da piada não está no palco, mas na plateia.

Há uma frase recorrente entre humoristas: “se doeu, é porque é verdade”. Albani parece trabalhar exatamente nessa fricção — entre o que diverte e o que acusa.



SHOW SERÁ GRAVADO

Ao entrar nesse espetáculo, você autoriza a gravação e o uso da sua imagem

NONSTOP



Sábado e domingo: o improviso como metáfora do país

No fim de semana, os Barbixas entram em cena com Improvável, um espetáculo que, à primeira vista, parece leve, quase despretensioso. Mas o improviso — quando levado a sério — é uma forma sofisticada de pensar o caos.

Criado por Anderson Bizzocchi, Daniel Nascimento e Elídio Sanna, o espetáculo depende de uma variável incontornável: o público. Cada sugestão lançada da plateia é, ao mesmo tempo, um convite e uma armadilha.

O que se vê no palco é uma coreografia do risco. Os atores constroem cenas ao vivo, negociando sentido em tempo real, lidando com o erro como parte do processo. Não há edição, não há filtro, não há segunda chance.

Se o stand-up de Albani organiza o pensamento para chegar à piada, o improviso dos Barbixas faz o caminho inverso: começa no vazio e constrói, diante de todos, uma lógica provisória.

Talvez por isso o espetáculo dialogue tão bem com o presente. Há algo de profundamente contemporâneo — e brasileiro — em operar sem garantias, em responder ao inesperado com agilidade, em transformar precariedade em linguagem.

Entre o texto e o acaso

A semana começou com Diogo Portugal e sua sátira política, um tipo de humor que historicamente se alimenta do excesso — de escândalos, de personagens, de absurdos institucionais. Mas é a partir de sexta que o recorte se desloca: sai-se da crítica direta ao poder e entra-se numa zona mais difusa, onde o comportamento coletivo vira protagonista.

É como se o foco deixasse de ser “eles” — os políticos, as figuras públicas — e passasse a ser “nós”. Como falamos, como nos expomos, como reagimos, como improvisamos a própria vida cotidiana.

O riso como forma de permanência

Num país em que a realidade frequentemente parece exagerada demais para ser levada a sério, o humor cumpre uma função paradoxal: ao mesmo tempo em que distorce, ele organiza. Ao mesmo tempo em que alivia, ele evidencia.

Assistir a essa programação em sequência é perceber que o riso não é homogêneo. Há o riso de concordância, o riso de desconforto, o riso que vem antes da compreensão e o que vem depois.

E talvez seja justamente essa variedade que diga mais sobre o Brasil do que qualquer análise direta. No fim, o que se vê no palco do Teatro Oficina do Estudante não é apenas uma sucessão de espetáculos. É uma tentativa — fragmentada, imperfeita, mas profundamente humana — de dar forma ao que ainda não entendemos completamente.

Rir, nesse contexto, não resolve. Mas organiza o caos o suficiente para que a gente continue.



A exposição “Desafio Ovo” apresenta 50 fotos produzidas por 21 alunos do primeiro semestre do curso de Publicidade e Propaganda, ministrado pelo Unasp.

“MÚSICA, MEMÓRIA E EXPANSÃO”

“QUANDO O SOM DEIXA DE SER
ENTRETENIMENTO E PASSA A
REORGANIZAR MEMÓRIA, LINGUAGEM E
PRESENÇA.”

EMICIDA ESTREIA TURNÊ QUE DOBRA O TEMPO E EXPANDE O RAP NO PALCO

No Espaço Unimed, Emicida transforma MCMV Tour em manifesto sensorial – um show que cruza legado, ciência e devoção aos Racionais MC's

São Paulo assistiu, na noite de 30 de abril, a algo que não cabe exatamente na palavra “show”. A estreia da Emicida Racional MCMV Tour foi menos um concerto e mais um experimento de linguagem — uma tentativa deliberada de reescrever o que pode ser uma apresentação de rap no Brasil. No palco do Espaço Unimed, o rapper encenou a sua própria teoria da relatividade: tempo, memória e identidade se dobrando diante de um público que não apenas assistia, mas parecia atravessar a experiência. A turnê nasce do disco Emicida Racional VL 2 – Mesmas Cores & Mesmos Valores, projeto em que o artista mergulha no repertório e na ética dos Racionais MC's para criar novas narrativas. Ao vivo, essa ideia ganha corpo — e peso. Não se trata de tributo nostálgico, mas de continuidade histórica. Emicida não revisita; ele reprocessa.

Logo na abertura, a sensação era de rito. Beats densos, arranjos reconstruídos e uma banda que trabalha mais como organismo do que como acompanhamento. A direção musical — assinada pelo próprio artista, com produção de Fejuca e coprodução de Damien Seth — aposta em camadas: samples que emergem e desaparecem, vozes que ecoam como memória coletiva, silêncios que pesam tanto quanto os graves.

Faixas como “Finado Neguim Memo?” e “Us Memo Preto Zica” aparecem não como singles, mas como capítulos de uma narrativa maior. E quando o repertório atravessa fases — da mixtape Pra Quem Já Mordeu um Cachorro por Comida... ao inevitável AmarElo — o que se vê é um artista interessado menos em hits e mais em percurso. Há um conceito declarado por trás de tudo: MCMV, além de “Mesmas Cores & Mesmos Valores”, remete a 1905, o ano em que Albert Einstein publicou a Teoria da Relatividade. No palco, essa referência deixa de ser metáfora e vira estrutura. Cada espectador vive um show diferente — seja pela forma como as músicas se reorganizam, seja pela maneira como Emicida conduz o tempo, esticando versos, comprimindo refrões, reorganizando expectativas.

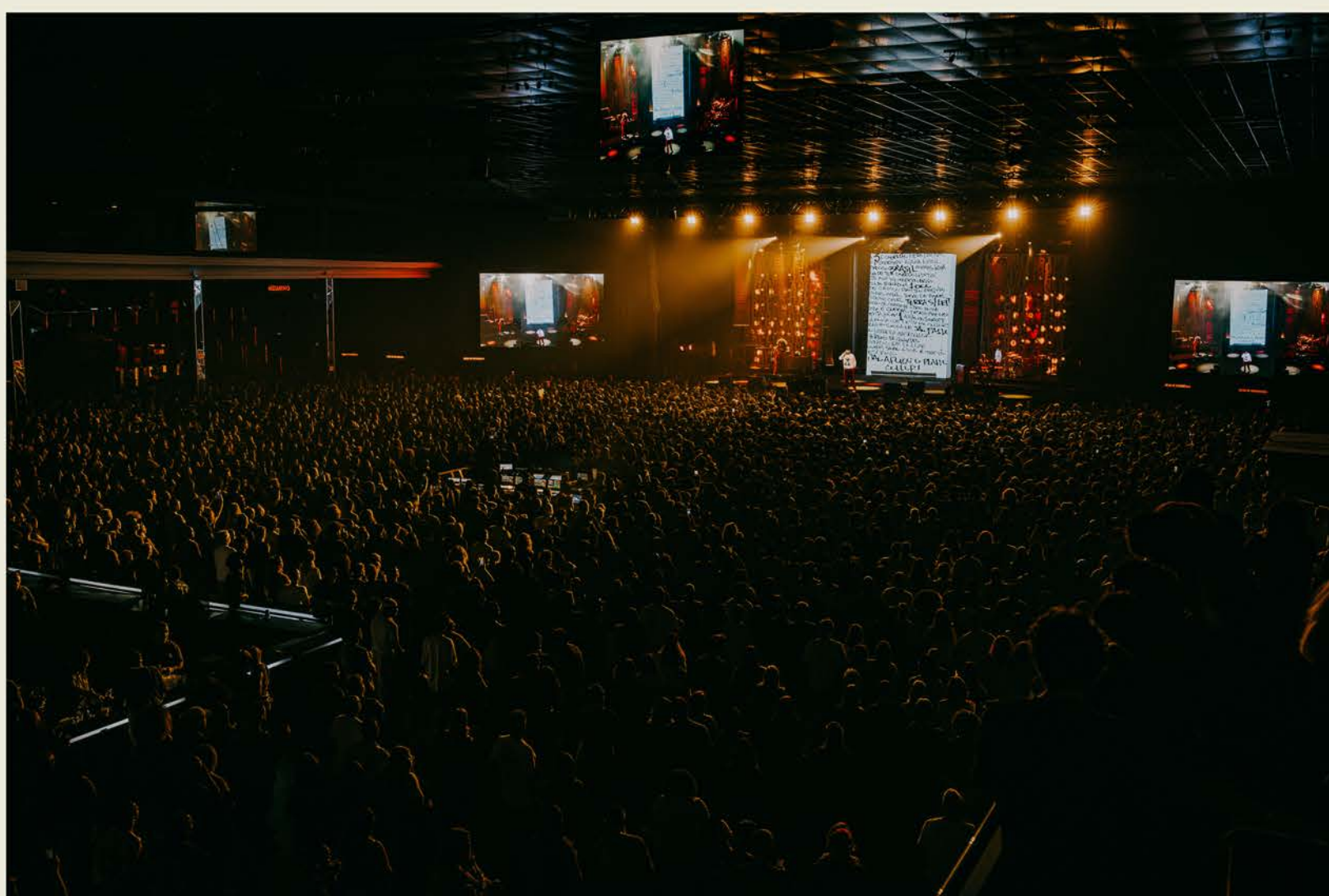
“Queremos elevar o que um MC pode ser no palco ao quadrado”, disse ele, em determinado momento, antes de mergulhar em uma sequência que misturava passado e presente com fluidez quase cinematográfica.



Mas talvez o gesto mais potente da noite esteja no que não é dito diretamente. Ao assumir os Racionais como ponto de partida, Emicida reafirma uma linhagem — e, ao mesmo tempo, desloca essa tradição para um território mais amplo, onde rap é também filosofia, teatro, instalação sonora. Realizada pela 30e e apresentada pelo Itaú, a turnê ainda passa por cidades como Rio de Janeiro, Curitiba, Recife e Belo Horizonte. Mas a estreia paulistana já deixa claro: não se trata apenas de circulação — é expansão. Ao final, fica a impressão de que Emicida não quis apenas agradecer aos mestres. Ele quis reposicionar o palco como território de pensamento. E conseguiu.



@bmaisca



@bmaisca



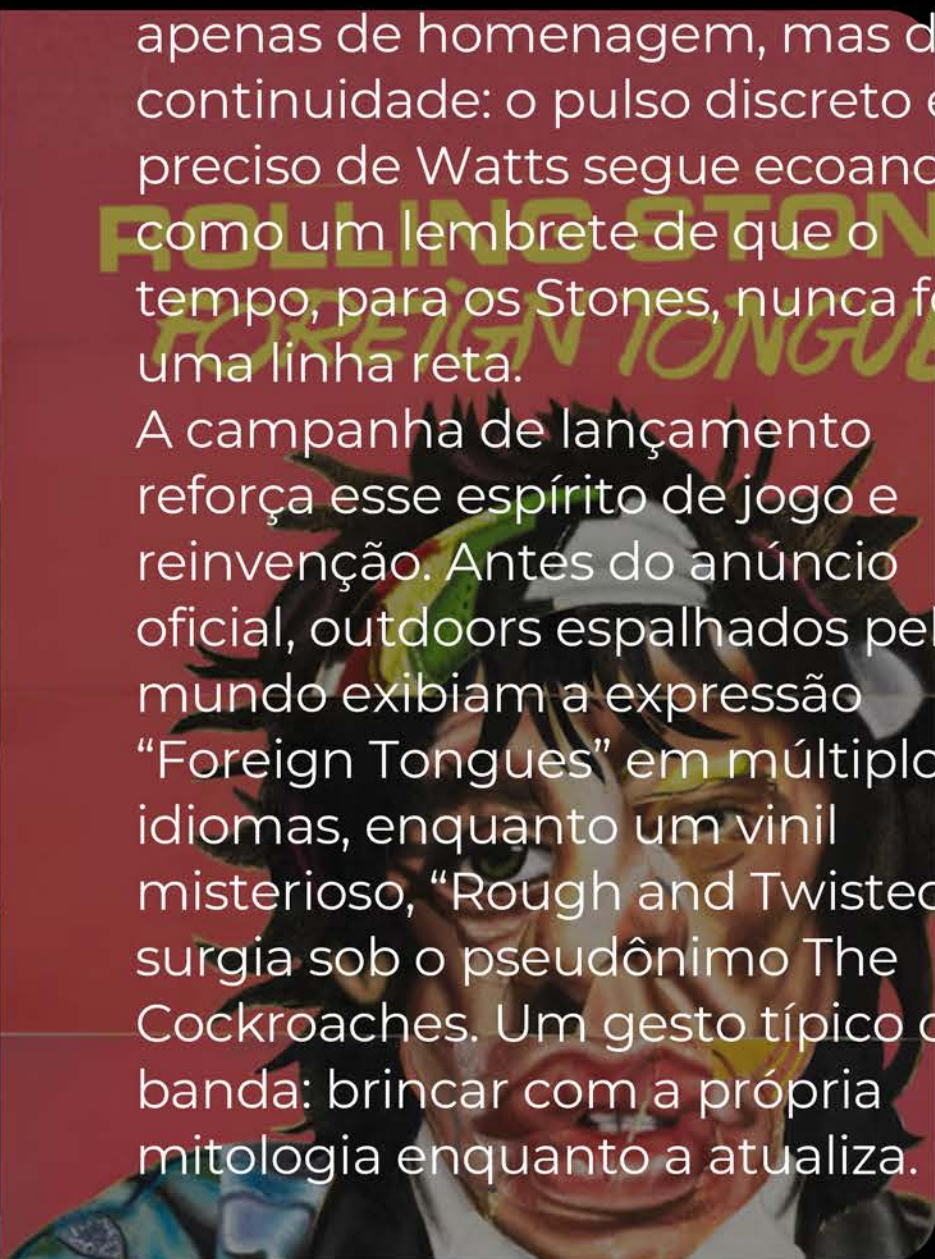
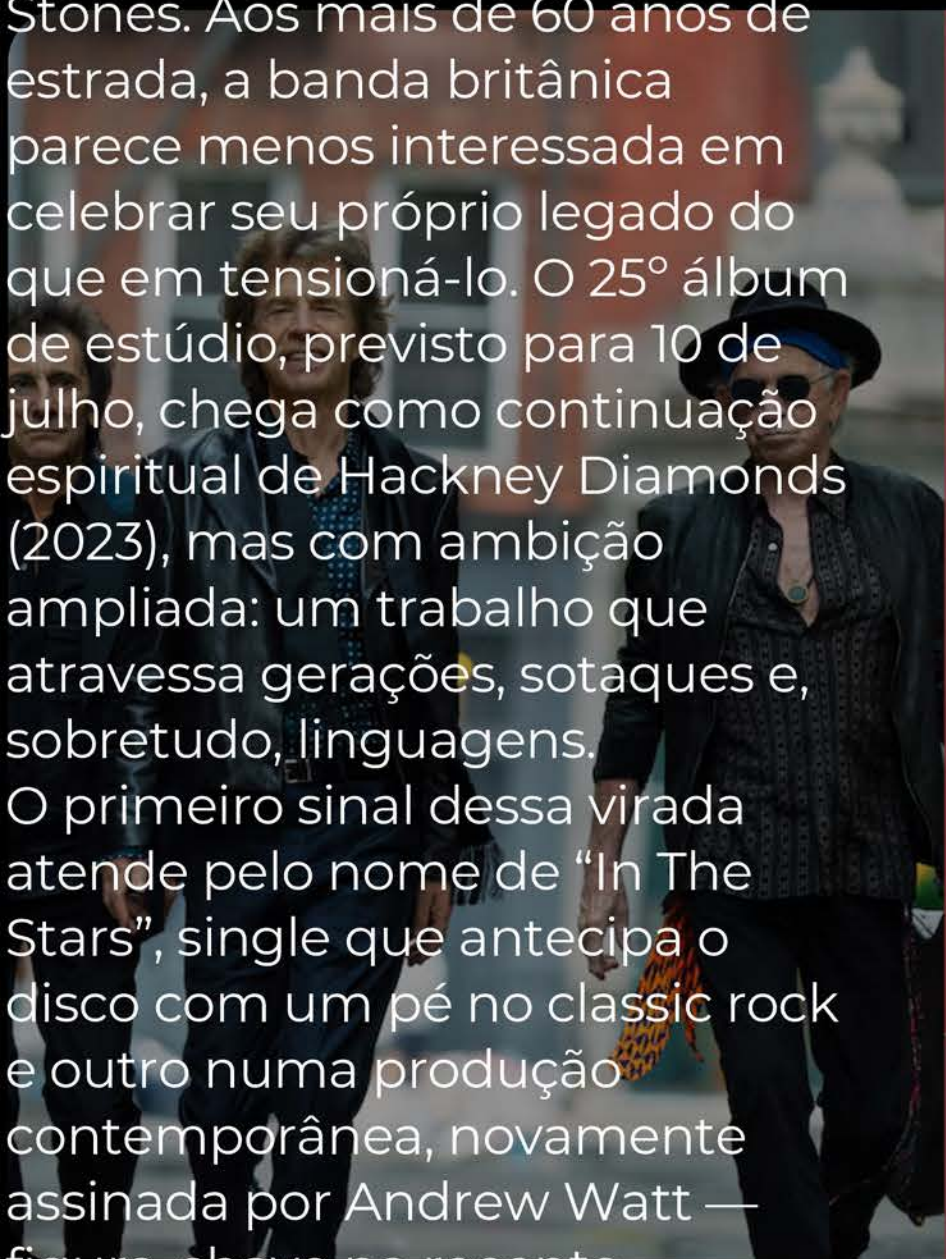
OS THE ROLLING STONES FALAM NOVAS LÍNGUAS — E CONTINUAM DIZENDO TUDO

Com Foreign Tongues, banda chega ao 25º álbum apostando em parcerias improváveis, ecos de Charlie Watts e um rock que se reinventa sem pedir licença ao tempo

Há algo de paradoxal — e profundamente coerente — no anúncio de Foreign Tongues, novo disco dos The Rolling Stones. Aos mais de 60 anos de estrada, a banda britânica parece menos interessada em celebrar seu próprio legado do que em tensioná-lo. O 25º álbum de estúdio, previsto para 10 de julho, chega como continuação espiritual de Hackney Diamonds (2023), mas com ambição ampliada: um trabalho que atravessa gerações, sotaques e, sobretudo, linguagens. O primeiro sinal dessa virada atende pelo nome de “In The Stars”, single que antecipa o disco com um pé no classic rock e outro numa produção contemporânea, novamente assinada por Andrew Watt — figura-chave na recente reoxigenação sonora da banda. Watt, que vem transitando entre veteranos e novos nomes da indústria, atua aqui como mediador entre o DNA stone e uma escuta mais atual, menos nostálgica.

Mas é nas colaborações que Foreign Tongues revela sua verdadeira cartografia. O álbum reúne nomes como Paul McCartney, Robert Smith, Steve Winwood e Chad Smith — encontros que, à primeira vista, poderiam soar como um exercício de reverência mútua, mas que sugerem algo mais interessante: uma banda que ainda se permite dialogar, deslocar-se e até se contradizer. Há também uma presença fantasma — e emocionalmente decisiva. Charlie Watts, falecido em 2021, aparece em uma das faixas, registrada em suas últimas sessões. Não se trata apenas de homenagem, mas de continuidade: o pulso discreto e preciso de Watts segue ecoando como um lembrete de que o tempo, para os Stones, nunca foi uma linha reta.

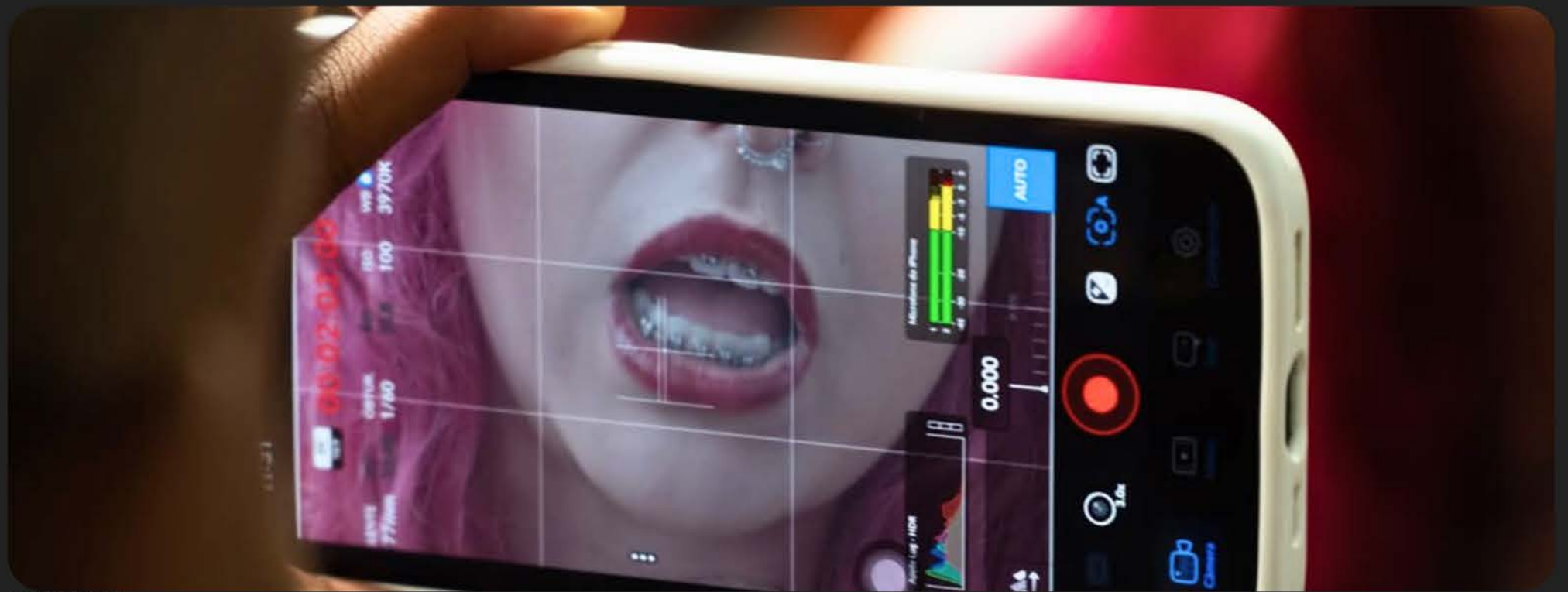
A campanha de lançamento reforça esse espírito de jogo e reinvenção. Antes do anúncio oficial, outdoors espalhados pelo mundo exibiam a expressão “Foreign Tongues” em múltiplos idiomas, enquanto um vinil misterioso, “Rough and Twisted”, surgia sob o pseudônimo The Cockroaches. Um gesto típico da banda: brincar com a própria mitologia enquanto a atualiza.



divulgação



Visualmente, o projeto também se afasta do óbvio. A capa criada por Nathaniel Mary Quinn aposta em colagens e caricaturas que fragmentam e reconstroem os rostos dos integrantes — como se os Stones fossem, eles próprios, uma soma de identidades em constante mutação. Se Foreign Tongues cumpre o que promete, não será apenas mais um capítulo na discografia de uma das maiores bandas da história. Será, antes, um comentário sobre permanência — e sobre como seguir relevante sem se tornar refém da própria grandeza. Afinal, poucas bandas envelheceram tanto sob os holofotes. Menos ainda conseguiram fazer disso uma linguagem.

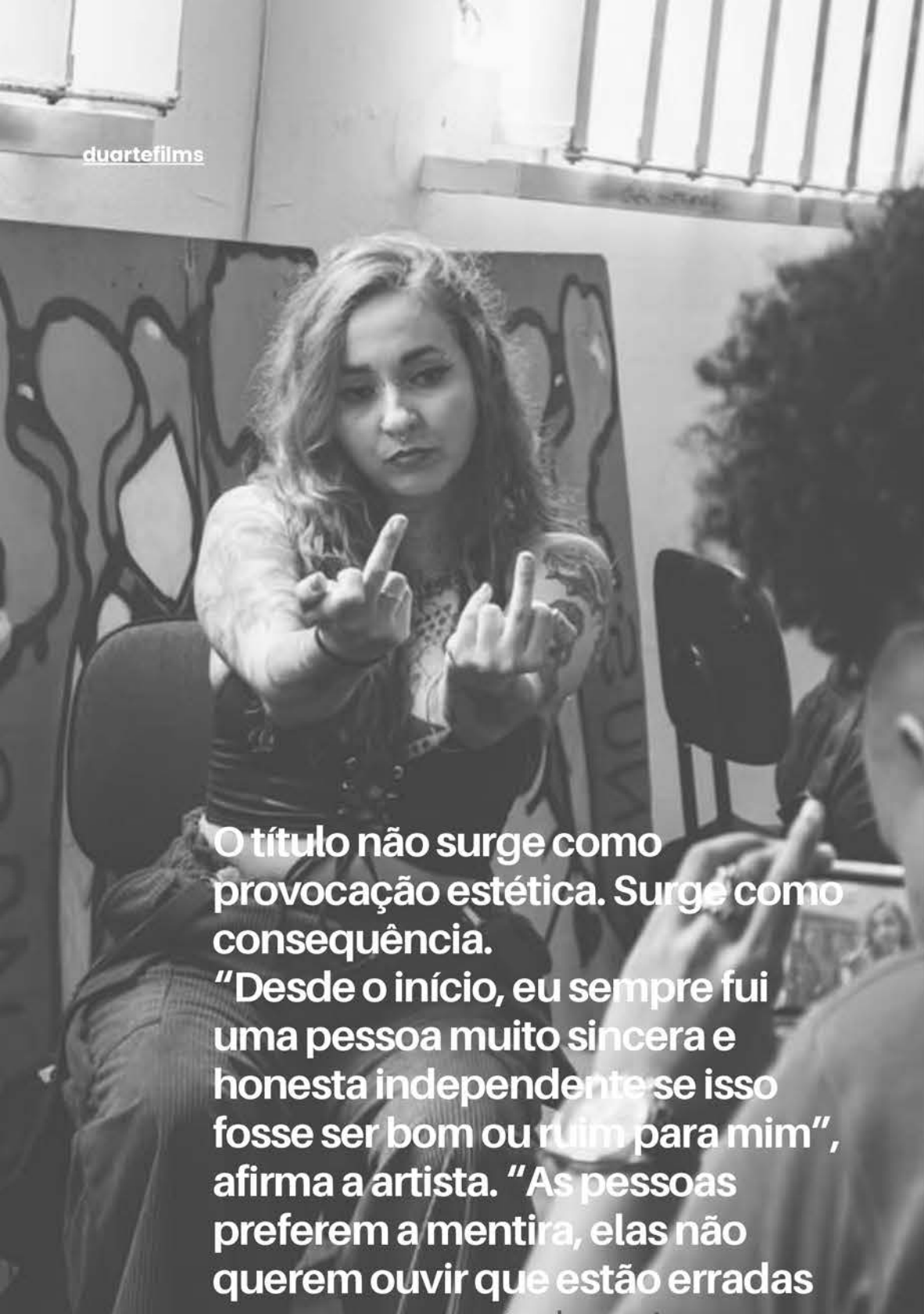


duartefilms

MC PUNKA TRANSEFORMA CICATRIZ EM MANIFESTO NO ÁLBUM SINCERICÍDIO

Primeiro disco da rapper será apresentado em audição pública na Casa do Hip Hop, com estreia do clipe “Alta Dosagem” e um mergulho brutalmente honesto sobre identidade, pressão e sobrevivência emocional

Há artistas que constroem personagens. Outros constroem escudos. O primeiro álbum de MC Punka parece fazer justamente o contrário: desmontar as próprias defesas em praça pública. Sincericídio, trabalho que ganha audição especial no dia 23 de maio na Casa do Hip Hop, nasce como um disco de enfrentamento — não apenas contra o mundo externo, mas contra a necessidade constante de caber nele.



O título não surge como provocação estética. Surge como consequência.

“Desde o início, eu sempre fui uma pessoa muito sincera e honesta independente se isso fosse ser bom ou ruim para mim”, afirma a artista. “As pessoas preferem a mentira, elas não querem ouvir que estão erradas ou que suas vontades sejam

contrariadas. Eu sempre fui aquela amiga que falava o que precisava ser dito e não o que a pessoa queria.”

A fala ajuda a entender a espinha dorsal do projeto: um álbum construído a partir da recusa em suavizar a própria personalidade para se tornar mais palatável.

Punka fala sobre portas que se abriram — e outras que se fecharam — por nunca ter silenciado diante de injustiças ou escondido suas opiniões. “Esse é meu primeiro álbum. Não dava pra ser de outro jeito”, resume.

O resultado parece atravessado por uma espécie de realismo emocional radical. Não aquele da confissão performática das redes sociais, mas algo mais áspero: a tentativa de transformar desgaste em linguagem. Durante mais de um ano de produção, cada faixa deixou marcas profundas na artista.

“Cada processo criativo desse álbum me deixou uma cicatriz forte”, conta. “E a cada vez que uma obra era finalizada essa cicatriz era estancada.”

Mais do que um disco, Sincericídio aparece como um processo de reconstrução pessoal. Ao longo da criação, Punka diz ter abandonado a tentativa de se encaixar em padrões esperados pela indústria ou pelo público. “Apenas joguei verdadeiramente tudo o que eu sentia, vivia e pensava. E isso me curou.”

Há uma maturidade rara na forma como ela discute sinceridade. Quando questionada sobre os limites entre exposição e verdade, a rapper devolve a pergunta quase como um manifesto filosófico:

“Será que existe? Ou a sinceridade é justamente a exposição da verdade? Será que as pessoas são sinceras? Ou a verdade só aparece quando ela convém?”

Essa tensão percorre o álbum inteiro — especialmente em “Alta Dosagem”, faixa escolhida para ganhar clipe e funcionar como porta de entrada do projeto. O nome não poderia ser mais preciso. “É assim que eu vivo a vida”, diz. “Tudo o que eu faço eu me entrego de verdade e me dedico de verdade.”

o mandelão e texturas que dialogam com o funk de BH, criando uma arquitetura sonora que evita fórmulas fáceis. Há peso de pista, mas também elaboração musical: samples, instrumentos orgânicos e uma costura cuidadosa entre beats e narrativa.

“A produção foi muito bem trabalhada, com samples, instrumentos orgânicos e atenção a cada detalhe”, explicam os produtores. “Acho que o álbum sintetiza bem todo esse tempo dedicado ao projeto.”

Segundo a artista, a música funciona quase como um autorretrato em movimento: “Essa faixa conta minha história da hora que eu acordo até a hora que eu não consigo dormir por causa da insônia.” E conclui sem rodeios: “Se alguém quiser entender do que se trata o álbum em apenas três minutos, ouve essa faixa.” A escolha de lançar Sincericídio através de uma audição pública acompanhada de show completo também amplia a dimensão coletiva do projeto. Em vez de um simples lançamento digital, Punka transforma o encontro em experiência compartilhada — quase um rito de passagem entre o íntimo e o público. E talvez seja justamente aí que o álbum encontre sua camada mais potente: entender que vulnerabilidade nunca é construída sozinha.



“Espero conexão”, afirma. “Que as pessoas enxerguem cada lágrima, sangue e suor derramados na criação desse álbum. Não apenas minha, mas de cada mão que ajudou a construir.”

A artista faz questão de dividir o mérito com todos os envolvidos na criação — dos beats à captação, das fotos à capa, dos clipes à composição. “Cada pedaço desse álbum tem o sonho de alguém.” Num cenário musical frequentemente dominado por narrativas calculadas, Sincericídio parece surgir como um gesto raro: um disco que prefere o risco da verdade ao conforto da embalagem. E talvez seja exatamente isso que faça MC Punka chegar tão perto do nervo exposto do presente.





TATUÍ EM ESTADO DE MÚSICA: CONSERVATÓRIO TRANSFORMA MAIO EM MARATONA ARTÍSTICA DE FÔLEGO

Da estreia de coro histórico a encontros entre jazz, choro e música de câmara, programação gratuita realirma o papel da instituição como epicentro cultural do país

Há cidades que respiram cultura — e há Conservatório de Tatuí, que a organiza, sistematiza e devolve ao público em forma de experiência. Em maio, a chamada “Capital da Música” entra em ebulição com uma agenda que mistura formação e fruição, erudição e popular, palco e sala de aula — tudo ao mesmo tempo.

O ponto de partida é simbólico: a estreia do Coro do Conservatório, no dia 7, sob regência de Mara Campos. Não se trata apenas de mais um concerto, mas de um gesto institucional — um coro fundado em 1988 que se reorganiza em 2026 como síntese da casa: estudantes, professores e convidados dividindo a mesma respiração musical. Uma imagem que resume bem o mês.

Mas a programação não se limita à solenidade. Pelo contrário. O Conservatório espalha sua agenda por múltiplos eixos, como quem entende que formar artistas é também formar público. O projeto Cine Bibi, por exemplo, exhibe o documentário Amor nos Bastidores, de Patric Chiha, mergulhando no universo performático da cena rave dos anos 90 — um recorte que dialoga com corpo, som e comportamento.

Na música ao vivo, o leque é amplo e propositalmente híbrido. Do lançamento de Dobras, do Banduo — duo que explora o bandolim em chave contemporânea — ao encontro entre viola brasileira e cravo no Duo Viola & Cravo, o que se vê é uma curadoria que recusa fronteiras rígidas. O mesmo vale para o recital internacional das musicistas Rossitza Jekova-Goza e Choong-ha Nam, que transformam o palco em território de diálogo entre tradições.

Se há um eixo silencioso que sustenta essa engrenagem, ele atende pelo nome de formação. As master classes — gratuitas, como toda a programação — trazem nomes como Ryan Keberle, Jacques Ogg e Damani C. Phillips, criando pontes diretas entre estudantes e circuitos internacionais. Aqui, o aprendizado não é periférico à programação: é o seu centro nervoso.

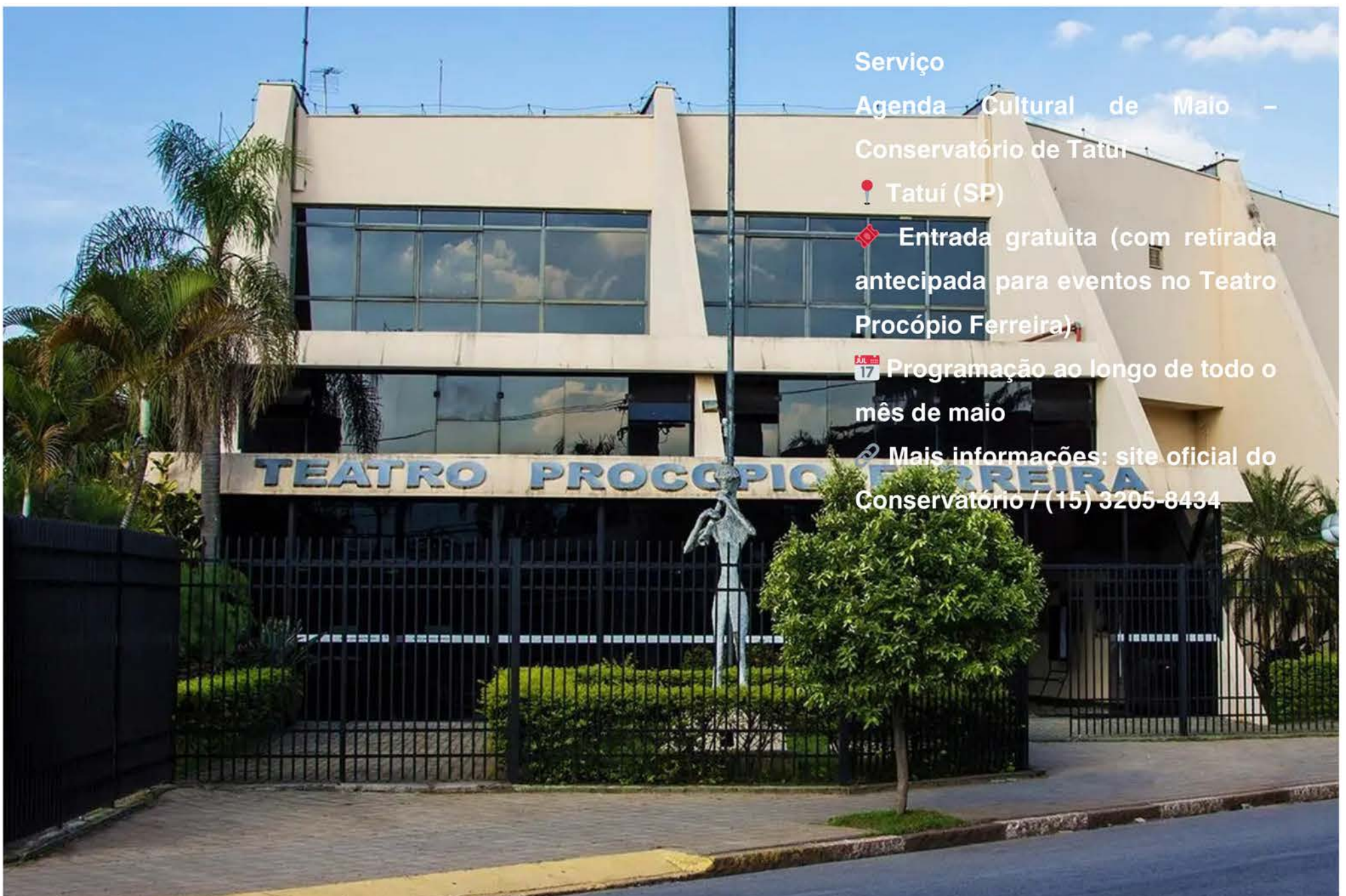
Essa dimensão pedagógica ganha corpo em eventos como o Encontro de Piano, coordenado por Fanny de Souza Lima, que transforma um dia inteiro em laboratório de ideias, técnica e escuta. Mais do que ensinar repertório, o Conservatório parece interessado em formar pensamento musical — algo raro e cada vez mais necessário.

Ao mesmo tempo, a instituição mantém os pés firmes na tradição brasileira. A roda de choro na Cantina Clave de Sol, com participação da violonista Helô Ferreira, reforça o caráter comunitário da música. Já concertos como o do grupo As Donas do Forró lá do Muquém ou da Big Band com o programa “SALSA!” mostram que o popular aqui não é concessão — é linguagem.

Nos Grupos Artísticos Musicais, o mês ganha contornos quase enciclopédicos. A Orquestra Sinfônica, sob Emmanuele Baldini, revisita Pyotr Ilyich Tchaikovsky com proposta interativa. A Banda Sinfônica resgata Heitor Villa-Lobos, enquanto a Jazz Combo dialoga com o presente do jazz ao lado de Keberle. Há ainda percussão, música raiz, camerata de violões e choro — um mosaico que parece querer dar conta de tudo, e quase consegue.

No fim das contas, maio em Tatuí não é apenas uma programação intensa. É uma declaração de princípios. Em tempos de consumo rápido e fragmentado, o Conservatório aposta na experiência prolongada, no encontro e na formação contínua. E faz isso com uma radicalidade silenciosa: oferecendo tudo de forma gratuita.

Porque, ali, música não é produto. É processo. E, sobretudo, é política pública em estado de arte.



FELIZ

dia das mães

Para todas as mães que fazem
do amor um gesto diário, do
cuidado uma presença
constante e da vida um lugar
mais acolhedor.

fascia
water • spa





“TERRITÓRIO, EXPERIÊNCIA E AFETO”



“ESPAÇOS DEIXAM DE SER CENÁRIO E SE TORNAM MEMÓRIA, PRESENÇA E VÍNCULO EMOCIONAL.”



ENTRE FIGURINHAS E GOLS IMAGINÁRIOS, IGUATEMI CAMPINAS TRANSFORMA COPA EM EXPERIÊNCIA INTERATIVA

Espaço do Torcedor reúne ativações, exposição fotográfica e a “Panini Experience” em programação que aposta na memória afetiva do futebol

Em tempos em que o futebol extrapola o campo e se instala no cotidiano, o Iguatemi Campinas decide jogar junto com o torcedor — não apenas transmitindo jogos, mas criando um ambiente onde a experiência da Copa do Mundo se torna tátil, compartilhada e, sobretudo, vivida.

Até 19 de julho, o shopping abriga o Espaço do Torcedor, uma área temática que mistura entretenimento e cultura pop esportiva com uma dose

generosa de nostalgia. Instalado no segundo piso, próximo ao Bullguer, o espaço funciona como ponto de encontro para diferentes gerações que têm no futebol uma linguagem comum. O coração da iniciativa é a chamada “Panini Experience”, assinada pela Panini, que transforma o tradicional ritual de colecionar figurinhas em um evento coletivo. Ali, álbuns e cromos circulam entre desconhecidos que, por alguns minutos, se tornam aliados na missão de completar páginas — um gesto simples que revela a força social do futebol como mediador de encontros.

Mas o projeto vai além do saudosismo. Há também uma camada contemporânea, com jogos digitais e ativações como chute a gol e touch ball, que traduzem o esporte para uma lógica mais interativa, quase gamificada. Os cenários “instagramáveis” indicam um entendimento claro: hoje, torcer também é produzir imagem, compartilhar e performar a própria experiência.

Outro destaque é a exposição fotográfica de Rodrigo Vilalba, com registros oficiais da Copa do Mundo. As imagens, exibidas também em tempo real em uma TV no espaço, conectam o visitante ao que acontece dentro e fora dos estádios — como se o shopping abrisse uma janela simbólica para o evento global.

A proposta, segundo a gerente de marketing Livia Moufarrej Abdalla, é criar “um ponto de encontro para quem vive o futebol de forma intensa”. Na prática, o Espaço do Torcedor funciona como uma espécie de arquibancada expandida: um lugar onde consumo, lazer e identidade se entrelaçam sob o signo do esporte.

Mais do que uma ação sazonal, o projeto revela como centros comerciais vêm se reposicionando como ambientes de experiência — territórios onde o público não apenas compra, mas permanece, interage e constrói memórias.

Serviço
Espaço do Torcedor Iguatemi Campinas
2º piso (entrada em frente ao Bullguer)

Até 19 de julho
Panini Experience

Segunda a sábado: 10h às 22h

Domingos e feriados: 12h às 20h

Demais atividades

Todos os dias: 12h às 20h

À LUZ DE DUAS MIL VELAS, RESORT NO INTERIOR PAULISTA APOSTA NA PAUSA COMO EXPERIÊNCIA

“Candle Night”, conduzido pelo pianista Allen Lima, transforma o Thermas de São Pedro Resort em cenário sensorial de música e contemplação

diulgação

Em tempos de agendas saturadas e estímulos incessantes, a promessa de parar — ainda que por algumas horas — soa quase subversiva. É nessa chave que o Thermas de São Pedro Resort apresenta, no próximo 15 de maio, o Candle Night, uma experiência que troca o excesso pelo essencial: luz baixa, silêncio atento e música ao vivo.

Marcado para as 20h30, o espetáculo será conduzido pelo pianista e compositor Allen Lima, nome conhecido por sua trajetória de mais de três décadas e por integrar a Família Lima. Ao piano, ele propõe um percurso que atravessa o clássico e o contemporâneo, equilibrando releituras, composições autorais e interpretações que apostam menos no virtuosismo exibido e mais na delicadeza como linguagem.

O diferencial da noite está tanto no repertório quanto na atmosfera. Com cerca de duas mil velas distribuídas pelo espaço, o ambiente se converte em uma espécie de refúgio sensorial — um convite à desaceleração que se aproxima mais de uma experiência imersiva do que de um concerto convencional. Não há aqui a lógica do espetáculo grandioso, mas sim a construção de um clima íntimo, onde música e silêncio dividem protagonismo.

A iniciativa integra a programação exclusiva para hóspedes do resort, que, ao longo dos últimos anos, vem apostando em ações que ampliam a ideia de hospedagem para além do descanso físico. A estratégia é clara: oferecer experiências que dialoguem com bem-estar, memória e afeto. Localizado a cerca de uma hora e meia de Campinas, o complexo reúne estrutura típica de grandes resorts — piscinas aquecidas, SPA, espaços gastronômicos e acesso direto ao parque aquático —, mas tenta, com eventos como o Candle Night, tensionar esse modelo ao incorporar propostas mais sensoriais e contemplativas.

No fundo, a pergunta que paira sobre a noite é simples: ainda sabemos ouvir? Entre velas acesas e acordes de piano, a resposta pode surgir menos como reflexão e mais como experiência.

Serviço

Candle Night by Allen Lima

Data: 15 de maio de 2026

Horário: 20h30

Local: Área de lazer do Thermas de São Pedro Resort

Evento exclusivo para hóspedes

Pacotes especiais:

Períodos: 14 a 16/05 e 15 a 17/05

Condição: até 2 crianças de até 12 anos não pagam

Reservas:

Telefone: (19) 3370-7781

E-mail: reservas@saopedrothermasresort.com.br

Site: www.saopedrothermasresort.com.br

Endereço:

Rodovia Geraldo de Barros (SP-304), km 189 –

Fazenda Limoeiro – São Pedro (SP)

CASIO

CELVIANO

CULTURA EM 1 MINUTO



ENTRE A TERRA ARRASADA E A TERRA FÉRTIL, MULHERES REINVENTAM O TERRITÓRIO EM BARÃO GERALDO

divulgação

Exposição do coletivo Pretas InCorporações se despede com roda de conversa, intervenção artística e debate sobre corpo, memória e resistência nas periferias

Há exposições que terminam quando as obras deixam as paredes. Outras continuam reverberando no corpo de quem passou por elas. “Terra Fértil”, do coletivo Pretas InCorporações, parece pertencer à segunda categoria. Às vésperas de seu encerramento, o projeto realiza, no próximo 9 de maio, em Barão Geraldo, uma roda de conversa que transforma o espaço expositivo em território de escuta, partilha e elaboração coletiva.

O encontro acontece às 15h, no Pavão, parceiro da iniciativa contemplada pelo Fundo de Investimentos Culturais de Campinas (FICC 2024), e reúne o coletivo Pretas InCorporações, a curadora Andrea Mendes e a Coletiva Periferia Segue Sangrando, grupo surgido em 2015 na periferia da zona sul de São Paulo e reconhecido por construir ações de acolhimento, intervenção urbana e criação política a partir das vivências de mulheres periféricas.



Mais do que uma conversa, o encerramento propõe um atravessamento. A programação inclui uma intervenção artística conduzida pela coletiva convidada, articulando corpo, território e memória como ferramentas de resistência diante de contextos historicamente marcados pela exclusão e pela violência social. A ideia de “terra arrasada” — frequentemente associada às periferias urbanas — é tensionada pela noção de “terra fértil”: espaço onde sobrevivência, organização comunitária e criação coletiva germinam apesar das ruínas.

A mostra também dialoga diretamente com a obra da escritora Jenyffer Nascimento, cuja produção literária inspira o título da exposição. Em seus textos, o cotidiano das mulheres negras emerge não apenas como denúncia, mas como potência de invenção, afeto e continuidade — um eixo que atravessa toda a proposta curatorial.

Num momento em que os debates sobre cidade, pertencimento e apagamento ganham urgência renovada, “Terra Fértil” encerra sua trajetória reafirmando a arte como espaço de encontro político e sensível. Não se trata apenas de ocupar galerias, mas de disputar imaginários: quem pode narrar o território, quem pode permanecer nele e quais futuros ainda podem ser cultivados em solo aparentemente exaurido.

Serviço

Terra Fértil — Roda de Conversa e Intervenção Artística
Quando: 9 de maio de 2026, às 15h
Onde: Rua Maria Tereza Dias da Silva, 708, Cidade Universitária, Barão Geraldo, Campinas
Entrada gratuita.



“FUTURO E PERMANÊNCIA”

“ENTRE AQUILO QUE PASSA E O QUE INSISTE EM FICAR, O FUTURO SURGE COMO EXPERIÊNCIA DE CONTINUIDADE, MEMÓRIA E REINVENÇÃO COLETIVA.”

ENTRE EDITAIS E ANCESTRALIDADE, OFICINA EM CAMPINAS MIRA AUTONOMIA DE COLETIVOS DE MATRIZ AFRICANA

Formação gratuita na Estação Cultura propõe traduzir políticas públicas em prática comunitária – sem apagar saberes tradicionais

Num cenário em que o acesso a recursos públicos ainda esbarra em linguagem técnica, burocracia e distâncias históricas, uma oficina em Campinas tenta inverter a lógica: em vez de adaptar comunidades às regras, propõe aproximar as políticas das realidades já vivas nos territórios.

Marcada para o dia 9 de maio, na Sala dos Toninhos, na Estação Cultura, a Oficina de Elaboração de Projetos se apresenta como um espaço de tradução — não apenas de editais, mas de mundos. Voltada a lideranças, mestres, jovens e integrantes de comunidades de matriz africana, a formação busca fortalecer iniciativas que já existem, mas que nem sempre conseguem acessar mecanismos institucionais de fomento.

A proposta dialoga diretamente com os princípios da Política Nacional Cultura Viva, programa que reconhece grupos culturais como agentes ativos — e não apenas beneficiários — das políticas públicas. Na prática, isso significa transformar rodas, terreiros, coletivos e experiências comunitárias em projetos estruturados, sem exigir que abandonem suas formas próprias de organização. “Não é só sobre projeto. É sobre reconhecimento”, anuncia o material de divulgação — frase que sintetiza o espírito da atividade.



Ao longo de um dia inteiro, das 9h às 17h, os participantes terão contato com fundamentos da Cultura Viva, leitura prática de editais, caminhos para se tornar um Ponto de Cultura e estratégias de organização institucional. Mais do que um curso técnico, a oficina aposta na troca entre lideranças como eixo central — uma espécie de rede em formação, onde experiências se cruzam e se fortalecem.

A iniciativa também toca em uma questão sensível: como acessar políticas públicas sem diluir identidades. Em muitos casos, a exigência de formalização e linguagem institucional acaba por invisibilizar saberes ancestrais ou modos coletivos de gestão. Aqui, o movimento é inverso — reconhecer que essas práticas já são, em essência, cultura viva.

Com vagas limitadas e participação gratuita — incluindo almoço para os inscritos —, a oficina reforça uma ideia que atravessa o campo cultural contemporâneo: não basta criar políticas, é preciso torná-las acessíveis, inteligíveis e, sobretudo, enraizadas.

Em Campinas, no próximo sábado, o projeto não começa do zero. Ele parte do que já pulsa.

SERVIÇO

Oficina de Elaboração de Projetos – Cultura Viva
Campinas

📍 Sala dos Toninhos – Estação Cultura (Campinas/SP)

📅 09 de maio (sábado)

🕒 Das 9h às 17h

💰 Gratuito

🍽️ Com almoço para participantes

Inscrições:

👉 linktr.ee/culturavivacampinas

Como participar:

1. Preencher o formulário de inscrição
2. Entrar no grupo de WhatsApp para confirmação da vaga

Para quem é:

- Lideranças de tradições de matriz africana
 - Integrantes de coletivos e entidades culturais
 - Mestres, mestras, jovens e agentes culturais
 - Iniciativas que desejam se fortalecer como Ponto de Cultura
 - Interessados em acessar editais e políticas públicas
- ⚠️ Vagas limitadas.

UMA SALA PARA SONHAR: TOCA INAUGURA ESPAÇO DE LEITURA E INVENÇÃO NO INTERIOR PAULISTA

Com 1.500 livros, ambiente sensorial e proposta pedagógica voltada à imaginação, novo espaço do SAMUCA, em Pedreira, transforma o ato de ler em experiência coletiva e afetiva

Em tempos em que a leitura disputa atenção com telas onipresentes, a inauguração de um espaço dedicado ao livro ainda carrega algo de gesto político — e, sobretudo, de aposta no futuro. Foi com esse espírito que o Serviço de Atendimento à Criança, à Família e ao Adolescente (SAMUCA), em Pedreira (SP), abriu as portas do TOCA – Espaço de Criatividade e Inovação, uma sala que nasce não apenas como biblioteca, mas como território de imaginação.

A estreia reuniu crianças, educadores e representantes institucionais em uma programação que misturava o lúdico e o simbólico. Entre brincadeiras conduzidas por artistas, a presença do mascote Samucão e a partilha de alimentos, o evento desenhou o que o espaço pretende ser: um lugar de encontro. Mais do que inaugurar paredes, inaugurou-se uma atmosfera.

O TOCA começa com um acervo de 1.500 livros voltados ao público infantojuvenil, incluindo títulos ligados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), além de obras em braile e em inglês. A curadoria aponta para um horizonte plural — que atravessa inclusão, diversidade e formação crítica desde cedo. Mas o que mais chama atenção não está apenas nas estantes.

A sala foi pensada como experiência sensorial. Mesas, almofadas, tapetes e uma pintura de céu com nuvens criam um ambiente que convida à permanência. Há algo de doméstico, quase íntimo, nesse desenho. Um espaço onde o livro deixa de ser obrigação escolar e passa a ser descoberta. “Eu pensei que ia ter só livros”, conta Hillary, de 9 anos, ainda surpresa com o que encontrou. “Mas tem um monte de coisas legais. Dá vontade de ficar e ler.”



divulgação

A fala da criança sintetiza um ponto crucial: o acesso à leitura não depende apenas de oferta, mas de contexto. Criar um ambiente acolhedor, onde o tempo desacelera e a curiosidade é estimulada, talvez seja tão importante quanto o próprio acervo. Para Paulo Luis de Moraes, presidente do SAMUCA, o projeto vai além da infraestrutura. “Cada elemento tem uma intencionalidade clara”, afirma. A frase ecoa a ideia de que espaços educativos também comunicam — e que, quando bem pensados, podem ensinar antes mesmo da primeira página ser aberta.



Viabilizado pela Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), com patrocínio da GEA e execução da Amora Produções Culturais, o TOCA passa a integrar de forma permanente as atividades da instituição. A proposta, segundo Francielle Daltrozo, responsável pela execução, é criar “possibilidades que gerem acolhimento e curiosidade”. Há, nesse tipo de iniciativa, uma dimensão silenciosa que muitas vezes escapa aos discursos oficiais. Não se trata apenas de formar leitores, mas de formar repertório — algo que, no longo prazo, redefine trajetórias. Ao oferecer às crianças um espaço onde imaginar é permitido e incentivado, o TOCA atua como uma espécie de dispositivo de futuro.

Num país em que o acesso ao livro ainda é desigual, cada nova sala de leitura carrega um peso simbólico desproporcional ao seu tamanho físico. Em Pedreira, essa sala agora existe. E, entre páginas, almofadas e sonhos em construção, ela já começa a cumprir seu papel: abrir mundos.

ENTRE TELAS, ALGORITMOS E NARRATIVAS: UFSCAR PRORROGA INSCRIÇÕES PARA MESTRADO EM CONTEÚDO MULTIPLATAFORMA

Programa da UFSCar aposta em audiovisual, transmidialidade e processos criativos para formar pesquisadores capazes de pensar as novas linguagens da cultura digital

Existe uma pergunta silenciosa atravessando o audiovisual contemporâneo: quem está aprendendo a narrar o mundo depois do streaming, dos reels e da inteligência artificial? Enquanto plataformas disputam atenção em segundos e a experiência cultural se fragmenta entre telas, feeds e dispositivos, a UFSCar decidiu ampliar o tempo para quem deseja investigar justamente esse novo ecossistema da comunicação.

O Programa de Pós-Graduação em Produção de Conteúdo Multiplataforma (PPGPCM) prorrogou as inscrições para o Processo Seletivo 2026 até o dia 23 de maio. O movimento parece simples, burocrático até, mas carrega um sintoma do próprio tempo: nunca houve tanta necessidade de pensar criticamente as imagens, os formatos e as formas de circulação da cultura contemporânea.

Mais do que um mestrado profissional, o PPGPCM se posiciona como um laboratório de observação do presente. Um espaço onde audiovisual, entretenimento, tecnologia, educação e criação deixam de ocupar caixas separadas para operar como parte de uma mesma engrenagem cultural. O programa trabalha com duas linhas de pesquisa — “Entretenimento Audiovisual Multiplataforma” e “Processo Criativo, Tecnologia e Educação” — que dialogam diretamente com a transformação das linguagens digitais e das experiências narrativas. Na prática, isso significa discutir desde storytelling transmídia até processos criativos atravessados por plataformas, algoritmos, inteligência artificial e novas dinâmicas de consumo cultural. É o tipo de ambiente acadêmico que entende que o cinema já conversa com TikTok, que podcasts disputam espaço com documentários e que a cultura digital deixou de ser tendência para virar estrutura. Em uma era em que todo mundo produz conteúdo, o diferencial talvez esteja justamente em quem consegue compreender criticamente o impacto dessas narrativas no cotidiano, na memória e na experiência coletiva. O PPGPCM parece surgir exatamente nesse cruzamento: entre pesquisa, criação e leitura de mundo. As inscrições seguem abertas até 23 de maio de 2026. Porque, no fim das contas, talvez entender as imagens do presente seja também uma forma de imaginar o futuro.

ENTRE TINTA, STENCIL E INSURGÊNCIA: CURSO NO SESC CAMPINAS TRANSFORMA CARTAZES EM FERRAMENTA DE AÇÃO COLETIVA

divulgação

Ministrado pelo artista gráfico Dinelli, “Design em Revolta” propõe mergulho na história dos cartazes políticos e convida participantes a criar narrativas visuais em diálogo com o presente

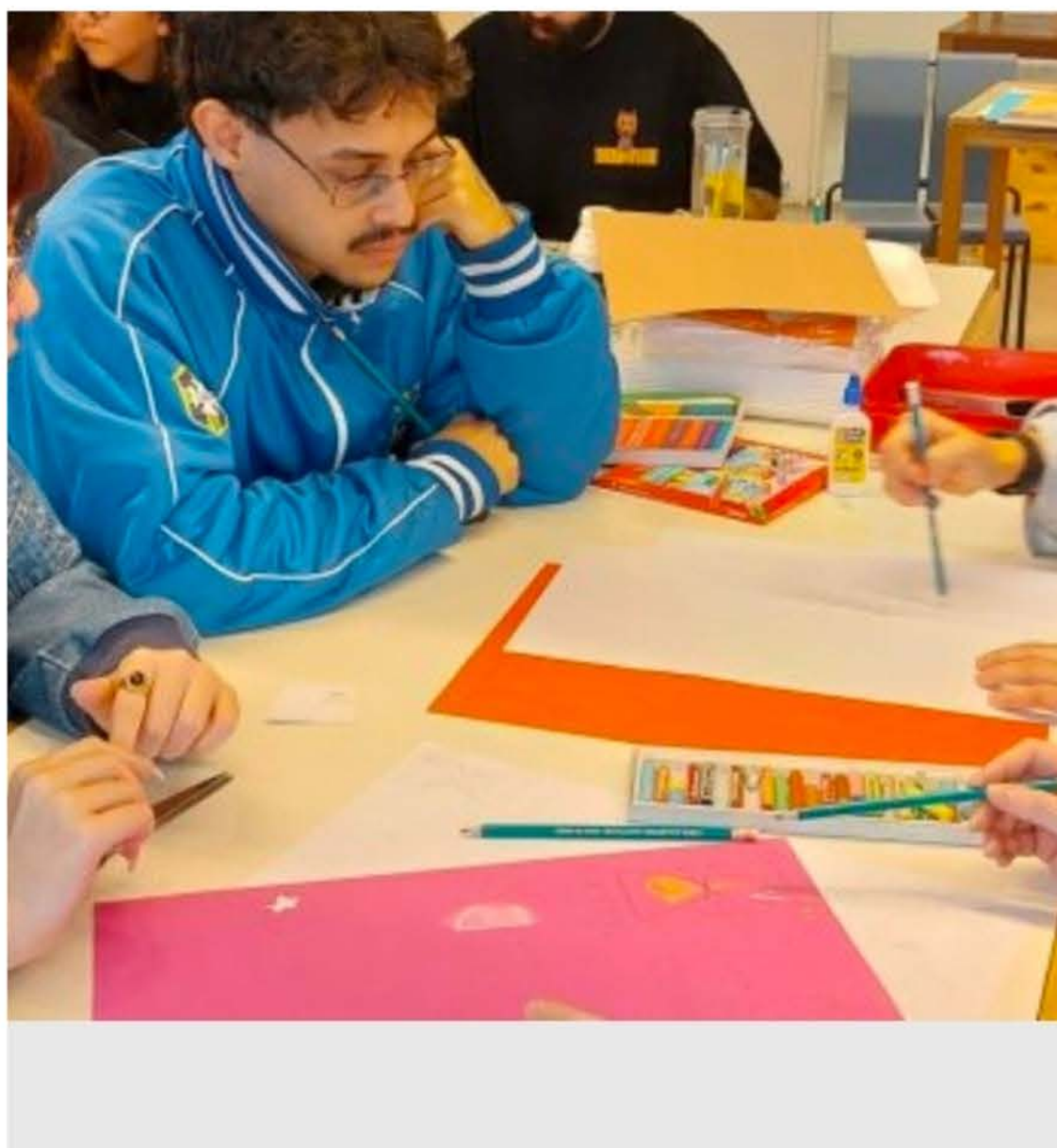
Há uma longa tradição de imagens que nasceram da urgência. Cartazes colados às pressas em muros, palavras impressas em serigrafia improvisada, símbolos desenhados para atravessar multidões. Em diferentes épocas, o design deixou de ser apenas linguagem estética para se tornar também gesto político, ferramenta de mobilização e memória coletiva. É justamente esse território — onde arte, comunicação e enfrentamento social se cruzam — que o artista gráfico e designer Dinelli pretende explorar no curso “Design em Revolta”, que começa neste sábado no Sesc Campinas.

Dividida em quatro encontros, a atividade propõe uma experiência que mistura história da arte, análise crítica e prática manual para a criação coletiva de cartazes políticos. Mais do que ensinar técnicas gráficas, o curso busca investigar como diferentes movimentos sociais e artistas, no Brasil e no exterior, utilizaram a potência visual dos cartazes como instrumento de agitação, denúncia e construção de imaginários.



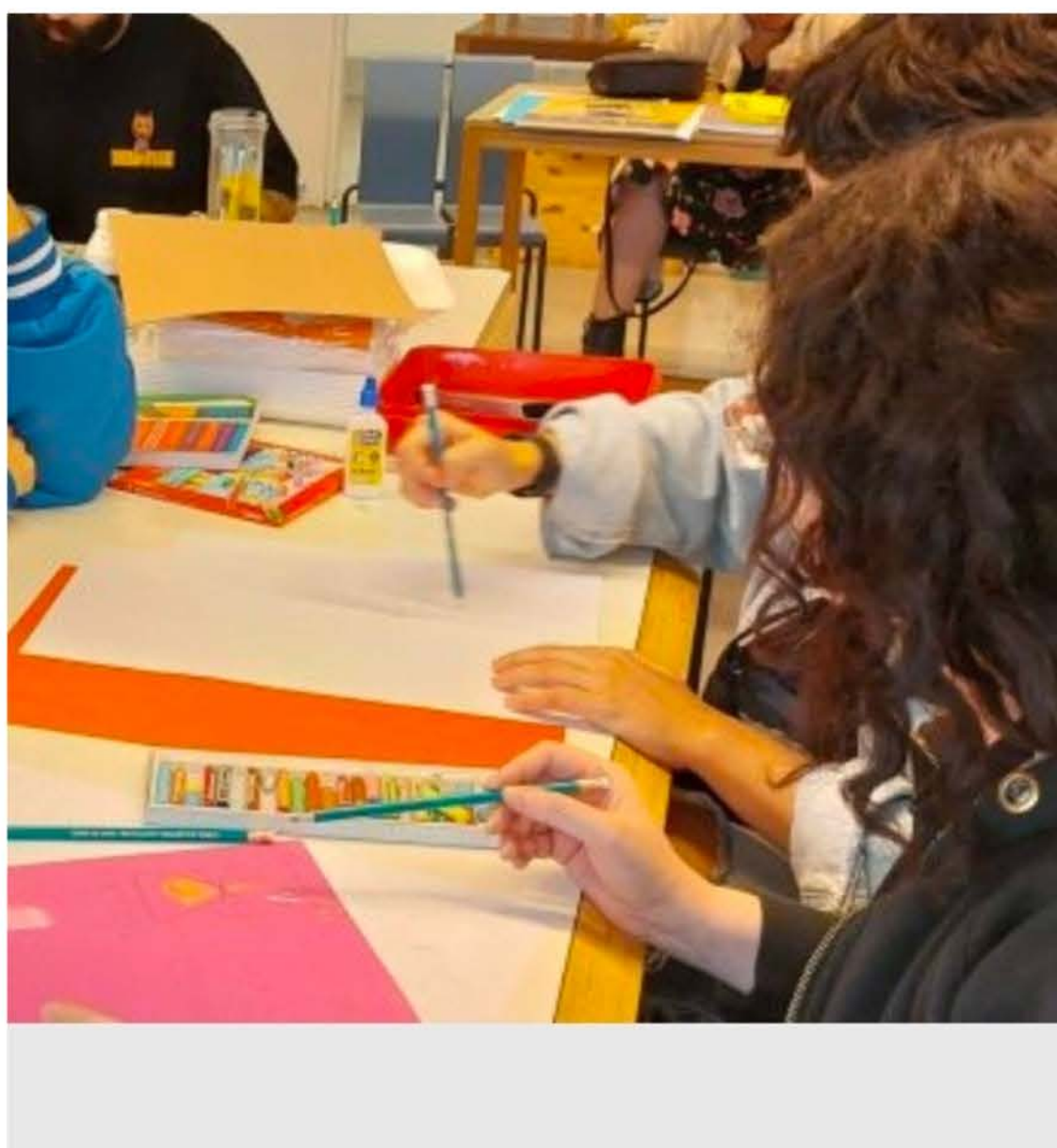
Ao longo das aulas, os participantes terão contato com referências históricas de cartazes ligados a movimentos operários, estudantis, culturais e de resistência política. A proposta também inclui a observação de linguagens gráficas contemporâneas que continuam ocupando ruas, manifestações e redes sociais em tempos de disputas narrativas intensas.

Depois desse mergulho visual e histórico, o grupo será convidado a construir coletivamente os temas e mensagens dos trabalhos. A ideia é que o processo criativo aconteça de maneira colaborativa, transformando o espaço do curso em um laboratório de escuta, debate e experimentação estética.



Na etapa prática, os participantes irão desenvolver esboços e explorar técnicas manuais como stencil, colagem e composição gráfica artesanal para produzir os cartazes. O foco está menos na perfeição formal e mais na força comunicativa da imagem — na capacidade que um cartaz tem de condensar indignação, desejo, crítica ou esperança em poucos elementos visuais.

Realizado na Sala 10 — Espaço de Tecnologias e Artes do Sesc Campinas, o curso acontece aos sábados, nos dias 9, 16, 23 e 30 de maio, das 10h às 13h. As inscrições podem ser feitas presencialmente ou pelo aplicativo Credencial Sesc SP. Para credenciados, as vagas já estão disponíveis no app; para o público em geral, a abertura acontece a partir desta sexta-feira.



NO COMPASSO DO TAMBOR E NA DISCIPLINA DO BALÉ, PARQUE OZIEL VIRA TERRITÓRIO DE FUTURO EM CAMPINAS

Instituto CPFL leva Escola Olodum e Núcleo de Dança Cisne Negro à comunidade em uma iniciativa inédita que une cultura, pertencimento e transformação social

Há territórios que sobrevivem à margem das cidades. E há momentos em que a cultura decide atravessar essa margem não como espetáculo passageiro, mas como presença contínua. É isso que começa a acontecer no Parque Oziel, em Campinas, onde o som dos tambores do Olodum e a delicadeza rigorosa do balé clássico passam a dividir o mesmo chão — um território historicamente marcado pela vulnerabilidade social e, ao mesmo tempo, pela potência humana que insiste em florescer. A partir deste mês, o Instituto CPFL implanta na região dois projetos culturais inéditos na cidade: a primeira unidade da Escola Olodum no Estado de São Paulo e o primeiro Núcleo de Dança Cisne Negro fora da capital paulista. Juntos, os projetos oferecem 400 vagas gratuitas para crianças, adolescentes e jovens adultos da comunidade.

(Foto: Tatiana Ferro/Instituto CPFL)



Serão 300 vagas destinadas às aulas de percussão samba-reggae, canto coral e dança afro da Escola Olodum Campinas, além de 100 vagas para o ensino de balé clássico por meio do Núcleo de Dança Cisne Negro Instituto CPFL Campinas.

Mais do que oficinas artísticas, os projetos chegam ao Parque Oziel como ferramentas de reconstrução simbólica. A escolha do território não é casual. A região, que já foi considerada uma das maiores ocupações urbanas da América Latina, hoje abriga iniciativas que buscam reconfigurar o cotidiano da comunidade a partir da educação, da cultura e do acesso.

“Acreditamos que o acesso à cultura é um caminho potente para ampliar oportunidades e fortalecer vínculos comunitários. Ao reunir no mesmo território dois projetos de grande relevância artística e social, buscamos contribuir para que crianças e jovens tenham contato com diferentes linguagens culturais e possam desenvolver seus talentos e perspectivas de futuro”, afirma Daniela Ortolani Pagotto, head do Instituto CPFL.

A chegada da Escola Olodum a Campinas carrega um peso histórico e simbólico. Criada em 1983, em Salvador, a instituição tornou-se referência internacional em educação antirracista por meio da arte e da valorização da cultura afro-brasileira. No Parque Oziel, o projeto pretende transformar ritmo em ferramenta de pertencimento.

(Foto: Tatiana Ferro/Instituto CPFL)



LUISA NAVES

“Estar no Parque Oziel significa reconhecer a potência cultural existente neste território e reafirmar o compromisso de levar oportunidades reais de formação artística e desenvolvimento humano para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social”, afirma Marcelo Gentil, presidente institucional do Olodum. “Mais do que oferecer cursos, a Escola Olodum chega para fortalecer autoestima, pertencimento, identidade e perspectivas de futuro. É o Olodum contribuindo com a formação de novas lideranças e reafirmando que a educação é o nosso tambor mais potente.” Os tambores dialogam, agora, com a leveza técnica do balé clássico. A Cisne Negro Cia. de Dança, uma das mais importantes companhias contemporâneas do país, expande seu projeto social para além da capital paulista pela primeira vez. O núcleo instalado em Campinas oferecerá aulas gratuitas para crianças de 5 a 12 anos, seguindo a metodologia da Royal Academy of Dance.

Para Dany Bittencourt, diretora artística e coreógrafa da companhia, o projeto representa também um deslocamento político da arte. “É uma forma de expandir uma iniciativa consolidada de formação artística para uma região marcada por vulnerabilidade social, reafirmando nosso compromisso com a democratização do acesso à arte.”

No Parque Oziel, os novos projetos se somam a outras ações já existentes do Instituto CPFL, como o Futebol Social, a Carreta Literária e o CineSolar. Juntas, as iniciativas desenham uma espécie de ecossistema cultural dentro da comunidade — onde o cinema chega itinerante, os livros circulam em rodas de leitura e o esporte ocupa espaços antes vazios.



Para quem vive o território diariamente, a chegada dos projetos representa mais do que entretenimento. É horizonte.

“Projetos como Escola Olodum e Cisne Negro vão agregar muito para os jovens da comunidade, oferecendo oportunidades que muitos deles não teriam em outros lugares”, afirma Josenilton Almeida, o Zangão, liderança comunitária do Parque Oziel. “É uma chance de desenvolver talentos, aprender coisas novas e ampliar horizontes.”

Entre o grave dos tambores afro-baianos e a precisão silenciosa das sapatilhas, o Parque Oziel passa a experimentar algo raro nas periferias brasileiras: continuidade. Porque, às vezes, transformação social também começa assim — quando alguém entrega um instrumento musical nas mãos de uma criança ou abre espaço para que ela descubra que o próprio corpo também pode dançar o futuro.

Serviço

Escola Olodum Campinas

Público: crianças, adolescentes e jovens de 7 a 29 anos

Atividades: percussão samba-reggae, canto coral e dança afro

Vagas: 300 gratuitas

Início das atividades: maio de 2026

Inscrições:

Escola Olodum Campinas

Formulário de inscrição:

Inscrição Escola Olodum Campinas

Núcleo de Dança Cisne

Negro Instituto CPFL

Campinas

Público: crianças de 5 a 12 anos

Atividades: aulas gratuitas de balé clássico

Vagas: 100 gratuitas

Início das atividades: maio de 2026

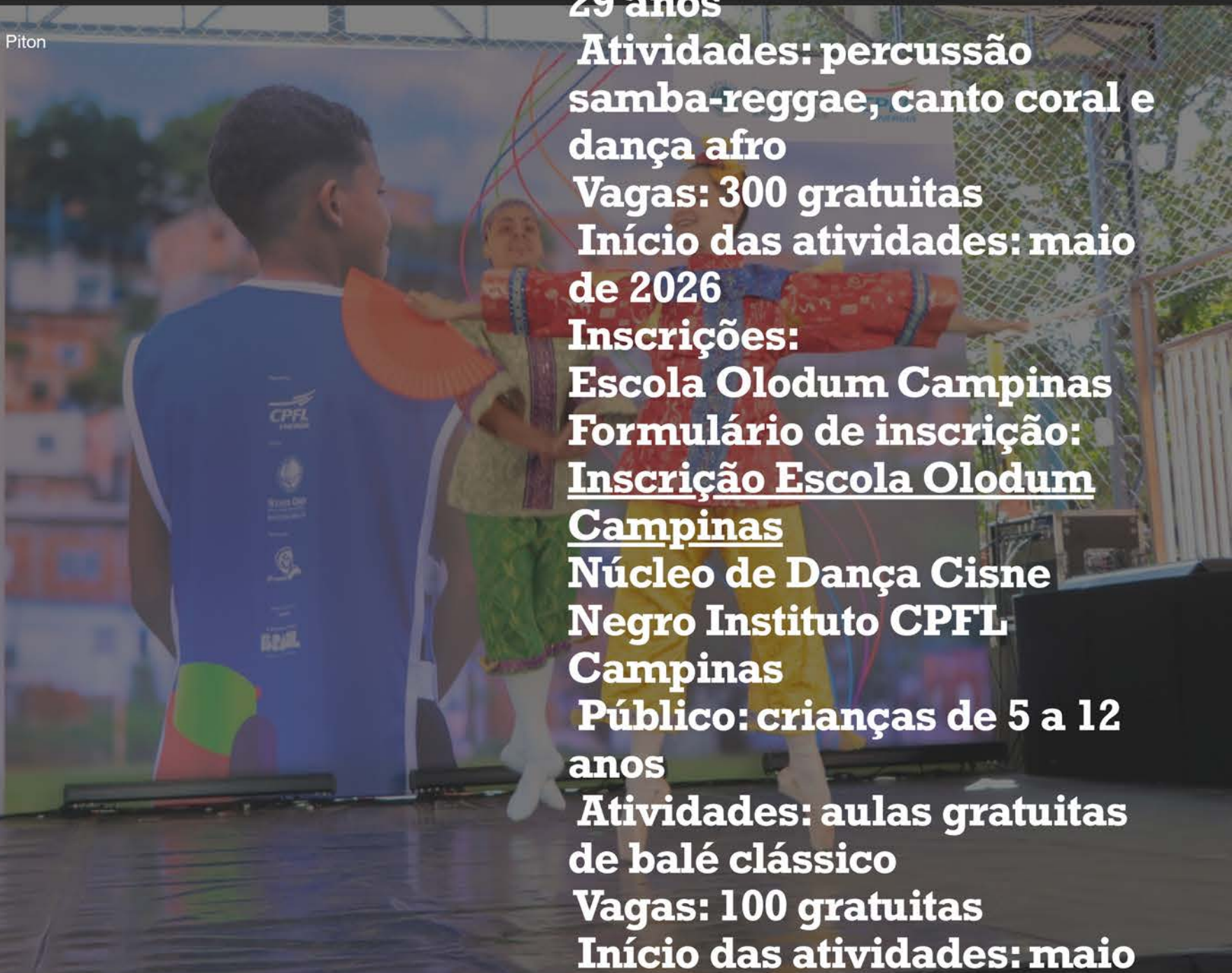
Inscrições:

Seleção Núcleo de Dança CPFL

Foto:Firmino Piton

instituto**cpfl**

energia que
transforma
realidades





tiagormpereira

Araraquara Morada do Sol



É muito mais difícil
Dar e demonstrar **amor**
Quando nem mesmo você
Tem **se amado o suficiente...**

@ | tiagormpereira

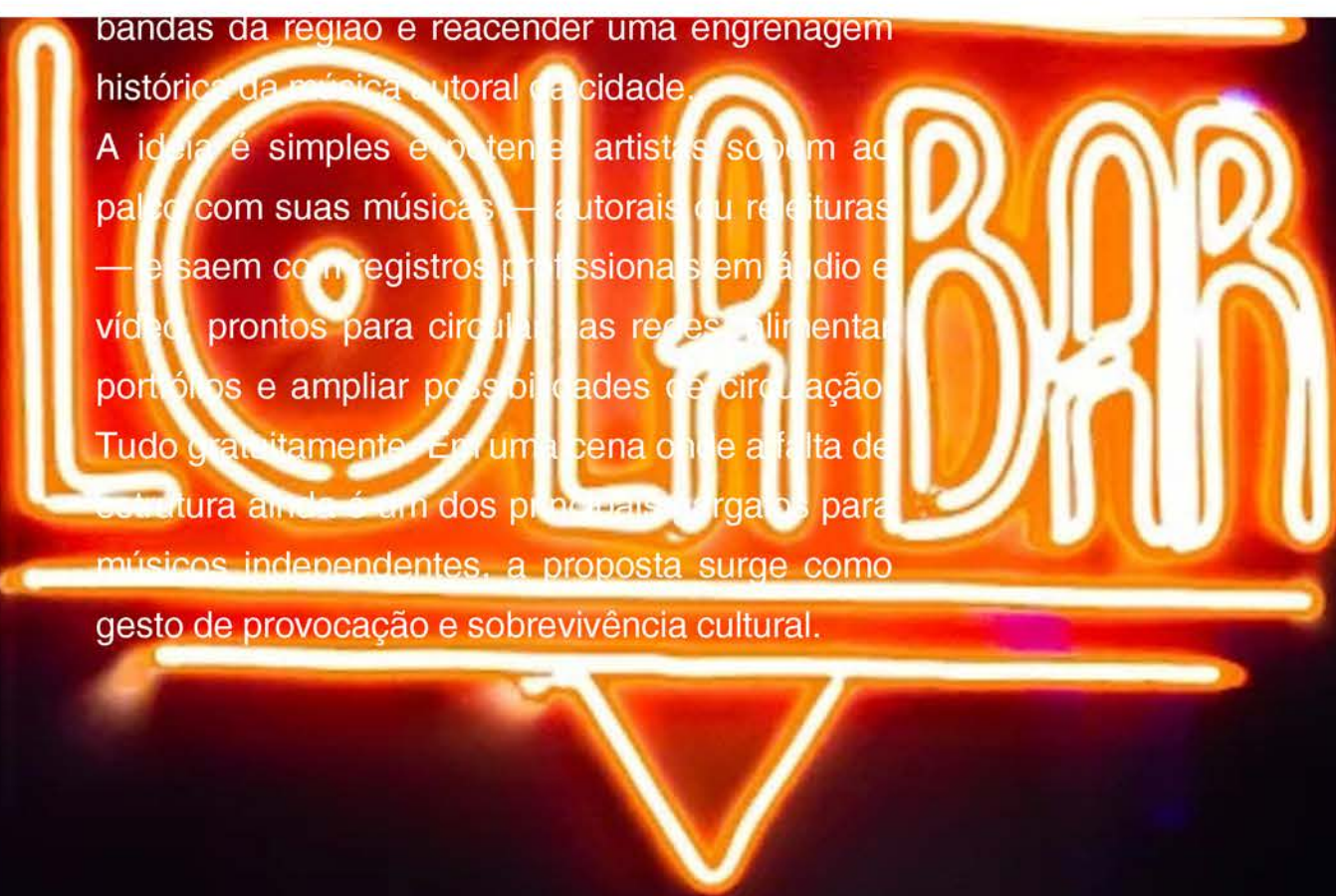


CAPIVARA SESSIONS TRANSFORMA BAR DE CAMPINAS EM LABORATÓRIO GRATUITO PARA BANDAS INDEPENDENTES

Projeto do Lola Bar aposta em gravações profissionais, experimentação musical e circulação coletiva para fortalecer a nova cena autoral da cidade

No meio do ruído constante da produção independente — onde gravar bem ainda custa caro e aparecer é quase um ato de resistência — surge uma brecha: um palco aberto, microfones ligados e zero cobrança. Em Campinas, o Capivara Sessions, iniciativa do Lola Bar, quer transformar o bar em um laboratório criativo para bandas da região e reacender uma engrenagem histórica da música autoral da cidade.

A ideia é simples e potente: artistas sob um adereço com suas músicas — autorais ou releituras — e saem com registros profissionais em áudio e vídeo, prontos para circular nas redes, em plataformas e ampliar possibilidades de circulação. Tudo gratuitamente. Em uma cena onde a falta de estrutura ainda é um dos principais gargalos para músicos independentes, a proposta surge como gesto de provocação e sobrevivência cultural.



Para Felipe Costa, o Felpis, um dos sócios do Lola Bar, o projeto nasce menos como evento e mais como ponto de partida para algo maior. “Eu quero muito que esse começo dê certo pra que a gente consiga levar isso pra outros pontos da cidade”, afirma. “Imagina ter uma gravação dessa no marco histórico do Centro, com o Carlos Gomes ao fundo, de um músico lendário de Campinas? Acho que aos poucos vamos caminhar pra isso.”

A fala revela a ambição silenciosa do projeto: ocupar a cidade através da música e devolver protagonismo a uma cena que, segundo ele, ainda está longe de explorar todo o seu potencial.

Quando define o Capivara Sessions como um “laboratório para bandas”, Felpis fala menos de técnica e mais de encontro. “É no sentido de descobrir, experimentar, colocar as pessoas para ouvirem outras musicalidades, testar e ver o que vai sair dessa mistura”, explica. A proposta mira justamente o território mais fértil da música independente: o inesperado.

Há também um desejo de provocar circulação. Fazer as bandas serem vistas, encontrarem público e criarem memória coletiva em torno de seus trabalhos. “Muita gente não tem costume de se apresentar ou não tem material pra isso”, diz. “Então é embrionário por gerar esse conteúdo, mostrar que a gente é um espaço que quer desenvolver esse tipo de coisa, mostrar as pessoas se desenvolvendo.”

Mais do que apenas registrar shows, o Capivara Sessions tenta criar uma experiência de pertencimento para músicos da região. “A ideia é mexer. Dar uma experiência diferente para os músicos daqui”, resume Felpis. “Pode sair coisa muito legal daí.”

A iniciativa também nasce de uma percepção clara sobre o cenário campineiro. Nos últimos anos, a cidade voltou a assistir ao crescimento do rock autoral e de novas bandas independentes, mas ainda sem uma estrutura consolidada capaz de sustentar essa movimentação. “A gente vem recebendo muitas bandas da região e percebe o quanto esse cenário ainda tem pra ser explorado”, afirma.

divulgação



Felpis cita movimentos históricos da cidade, como o lendário circuito ligado ao Hotel Meliá e antigos polos de shows e encontros musicais, como sinais de que Campinas já viveu momentos mais pulsantes no circuito alternativo. “O rock cresceu muito aqui, principalmente o autoral. E a gente quer poder estruturar isso melhor.”

A comparação com cidades vizinhas escancara a inquietação. “Americana tem um cenário de bandas e shows muito mais estruturado do que Campinas, e olha o tamanho de cada cidade”, observa.

No fundo, o Capivara Sessions parece nascer da convicção de que a cena independente não surge espontaneamente — ela precisa de espaços dispostos a correr riscos antes que qualquer retorno exista. “Alguém tem que começar”, resume Felpis. “Não se descobrem novos talentos se ninguém der o primeiro passo. A gente só vai descobrir uma música boa ouvindo.”

E talvez seja exatamente aí que mora a força do projeto: não apenas em registrar bandas, mas em criar condições para que elas existam, se encontrem e sejam escutadas.





Cultura com pressa? Só se for para chegar logo até você

Revista Cultura em 1 Minuto propõe um novo jeito de ler o mundo: direto, profundo e sem perder a delicadeza.

No tempo em que tudo precisa ser rápido, urgente e escorregadio como um feed, a revista Cultura em 1 Minuto ousa ser um convite ao contrário. Sim, ela chega rápido — é digital, leve, gratuita, distribuída em ritmo constante. Mas seu conteúdo é uma espécie de pausa estendida. Um minuto para entrar no pensamento de um artista indígena, para ouvir o silêncio entre duas notas de um concerto, para perceber que a palavra “cultura” ainda pode causar arrepio.

Desde sua primeira edição, a proposta é clara: encurtar as distâncias entre público e produção cultural sem subestimar a inteligência de quem lê. Por isso, a Cultura em 1 Minuto fala de dança, teatro, ciência, literatura, patrimônio, artes visuais, pensamento crítico, tradições populares, tudo em equilíbrio entre o factual e o sensível. Aqui, tanto faz se a pauta é um encontro de mamulengueiros ou um seminário sobre inteligência artificial — o que importa é o jeito como isso toca a vida de quem lê. Mais do que uma revista, ela se comporta como uma provocação: e se um minuto bastasse para abrir um novo campo de escuta, para olhar o que parecia invisível, para desacelerar mesmo dentro do digital?

A cada edição, colaboradores espalhados pelo país constroem um mosaico cultural que se lê como quem caminha por uma cidade com os sentidos aguçados. Entre as páginas, é possível encontrar vozes que normalmente não ocupam os holofotes midiáticos, mas que sustentam o tecido vivo da cultura brasileira. E ao contrário de muitas publicações que apenas informam, a Cultura em 1 Minuto escuta. Você não precisa de muito tempo. Basta um minuto — e um pouco de atenção — para perceber que há mais cultura na vida do que imaginava. E que talvez você também queira fazer parte dessa conversa.

EDITOR

Adriano Meneses @adrianovideomeneses

PARCEIRO

DIÁRIO CAMPINEIRO

TEATRO

OFICINA DO ESTUDANTE

IGUATEMI

SHOW DE COMÉDIA ARIANNA NUTT

De repente
40
o Show



STAND UP | SEX ÀS 21H

22 DE MAI 16



INCANCELÁVEL O SHOW

EROS PRADO

PAULO SOUZA

MAURÍCIO DOLLENZ

COMÉDIA | SÁB ÀS 21H30

23 DE MAI 18

AFRO BEGE

STAND UP COMEDY
E PERSONAGENS



STAND UP | DOM ÀS 19H

31 DE MAI 16



O ELENCO SERÁ DIVULGADO EM BREVE
GARANTA SEU INGRESSO!

GANGADA DRAG

REALIZAÇÃO: **STAND UP** DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: **Alta Luz** PARCEIROS: **POPLINO** **SALVAVIA** **INTERCOM** **FUZZCOURNA**

STAND UP | QUA ÀS 20H30

03 DE JUN 16

Dr. VINI em DEU A LOUCA NO DOUTOR!

stand up comedy



COMÉDIA | SÁB ÀS 18H

06 DE JUN 14



JHORDAN MATHEUS

PASSANDO DE FASE

STAND UP COMEDY

STAND UP | DOM ÀS 19H

07 DE JUN 14

INGRESSOS:
Ingresso Digital

www.teatrooficinadoestudante.com.br

REALIZAÇÃO:
teatro **gt**

PATROCÍNIO:



APOIO:



PROMOÇÃO:



APOIO GASTRONÔMICO:

